

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS



Coleção

Navegantes do Espaço

Antologia Poética



NAVEGANTES DO ESPAÇO

Ives Gandra da Silva Martins

"Reencontro amadurecido o jovem poeta que tive a alegria de prefaciá-lo há muitas luas.

Você dá ao indianismo sentido de contemporaneidade, descobrindo na floresta dos mitos a trilha que nos conduz a um vero-romantismo. Tudo sonhado e escrito numa linguagem que renova e encanta. O poema está pedindo um grande compositor que o musicar. Vejo com alegria que o ilustre jurista mantém vivas as raízes líricas e que essas raízes se voltam agora para o solo do encantamento da Amazônia".

Paulo Bonfim

"Com e sem métrica, mas sempre caracterizado pelo ritmo indispensável, o verso de Ives Gandra tem um certo hálito de religiosidade, que faz *pendant* com a sua personalidade. É mesmo um artista da palavra, tecendo seus poemas em torno de expressões constantes do seu universo, como o mar, a lua, o amor, o sonho, a princesa, o rio, as estrelas e... Ruth, sempre Ruth, sua fonte permanente e inestancável: 'Amo-te muito forte e tenazmente'.

A poesia de Ives Gandra não é triste, nela se derrama a sua alma, às vezes nostálgica, outras vezes lúdica, numa ciranda de símbolos e alegorias. Assim, ele cumpre o seu destino maior que é o de comunicar-se. Por intermédio de palavras, sempre ricas e bem escolhidas, o poeta transcende o idioma e, pela emoção transformada em versos, sensibiliza os que têm o privilégio da leitura".

Arnaldo Niskier

"O 'Tempo Pretérito', de Ives, celebra sua amada através de décadas de matrimônio cristão, filhos, batizados, confissões de fé. Só um poeta fundamentalmente seguro do seu amor e de seu Deus, como Ives, poderia escrevê-los.

Afasta-se Ives dos seus temas absorvente quando, colocado entre seu pai e seus filhos, reconhece sua condição de elo e a dramatiza.

Acentua-se nos poemas o desafio ao se impor o poeta a forma de soneto, algumas vezes descompassados nos seus metros, mesclando a redondilha maior e o alexandrino.

Ao longo das estrofes, como um dado estrutural, insinua-se sempre o tempo, ora forjado no espaço, ora envolvido no que é eterno.

NAVEGANTES DO ESPAÇO

ANTOLOGIA POÉTICA

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

NAVEGANTES DO ESPAÇO

ANTOLOGIA POÉTICA

Editor da Edição Columba

Carlos Nejar

Co-Editor

Ildásio Tavares

Imago

Copyright by Ives Gandra da Silva Martins

Ilustrações:

Valdir de Oliveira Rocha

Capa:

Adriana Moreno

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M343n Martins, Ives Gandra da Silva, 1958-

Naveganes do espaço: antologia poética / Ives Gandra da Silva Martins.

— Rio de Janeiro: Imago Ed., 2001

320 pp.

(Coleção Columba)

ISBN 85-312-0757-6

1. Poesia brasileira. I. Título. II. Série.

01-0586.

CDD — 869.91

CDU — 869.0 (81)-1

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Editora.

2001

IMAGO EDITORA

Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio

20250-430 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 502-9092 — Fax: (21) 502-5435

E-mail: imago@imagoeditora.com.br

www.imagoeditora.com.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*Espera. O tempo passa.
E, um dia, o tempo fica.*

SUMÁRIO

LIVRO I	— PELOS CAMINHOS DO SILÊNCIO.....	13
	REFLEXO SEGUNDO	15
	REFLEXO TERCEIRO	17
	REFLEXO QUARTO	19
	INSTANTE LÍRICO Nº4	20
	INSTANTE LÍRICO Nº 5	21
	O CANTO DO SILÊNCIO	22
	O FRUTO DESEJADO	23
	ESTRADA CERTA	25
	HOJE E SEMPRE	26
	MINHA IRMÃ	27
	ONTEM E HOJE	29
	PRELÚDIO III	31
	PRELÚDIO IV	32
	PRELÚDIO V	33
	PRELÚDIO VI	34
	PRELÚDIO VII	35
LIVRO II	— TEMPO PRETÉRITO (SONETOS).....	37
	SONETO DAS DOZE E DAS DEZ SÍLABAS	39
	A VERDADE DO JARDIM	40

SONETO PARA ÂNGELA	41
A MÁQUINA DO TEMPO	42
SONETO PARA RUTH	43
O NAUFRÁGIO	44
SONNET	45
MEU CANSAÇO	46
O SONETO MAIS ESTRANHO	47
TEU SILÊNCIO	48
OLHAR DE INFÂNCIA	49
QUERER-TE	50
NAVEGAR	51
O ENCANTO DA PRESENÇA	52
SONETO PARA IVES FILHO	53
É NOITE	54
ESBOÇO	55
ORFEU	56
ANO NOVO	57
ÚLTIMA SEMENTE	58

LIVRO III — LENDAS (MARABÁ) 59

MARABÁ	60
CANTO I	61
CANTO II	68
CANTO III	71
CANTO IV	76
CANTO V	79
CANTO VI	81
CANTO VII	82

LIVRO IV — QUARTETOS DE LADAINHA. 87

SANTA MARIA	89
SANTA MÃE DE DEUS	90

SANTA VIRGEM DAS VIRGENS	91
MÃE DE CRISTO	92
MÃE DA IGREJA	93
MÃE DA DIVINA GRAÇA	94
MÃE PURÍSSIMA	95
MÃE CASTÍSSIMA	96
MÃE IMACULADA	97
MÃE INTACTA	98
MÃE AMÁVEL	99
MÃE ADMIRÁVEL	100
MÃE DO BOM CONSELHO	101
MÃE DO CRIADOR	102
MÃE DO SALVADOR	103
VIRGEM PRUDENTÍSSIMA	104
VIRGEM VENERÁVEL	105
VIRGEM LOUVÁVEL	106
VIRGEM PODEROSA	107
VIRGEM CLEMENTE	108
VIRGEM FIEL	109
ESPELHO DA JUSTIÇA	110
SEDE DE SABEDORIA	111
CAUSA DE NOSSA ALEGRIA	112
VASO ESPIRITUAL	113
VASO HONORÍFICO	114
VASO INSIGNE DA DEVOÇÃO	115
ROSA MÍSTICA	116
TORRE DE DAVI	117
TORRE DE MARFIM	118
CASA DE OURO	119
ARCA DA ALIANÇA	120
PORTA DO CÉU	121
ESTRELA DA MANHÃ	122
SAÚDE DOS ENFERMOS	123
REFÚGIO DOS PECADORES	124
CONSOLADORA DOS AFLITOS	125

AUXÍLIO DOS CRISTÃOS	126
RAINHA DOS ANJOS	127
RAINHA DOS PATRIARCAS	128
RAINHA DOS PROFETAS	129
RAINHA DOS APÓSTOLOS	130
RAINHA DOS MÁRTIRES	131
RAINHA DOS CONFESSORES	132
RAINHA DAS VIRGENS	133
RAINHA DE TODOS OS SANTOS	134
RAINHA COROADA SEM MÁCULA DO PECADO ORIGINAL	135
RAINHA ELEVADA AO CÉU EM CORPO E ALMA	136
RAINHA DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO	137
RAINHA DA FAMÍLIA	138
RAINHA DA PAZ	139

LIVRO V	— OLHAR DO TEMPO	141
OLHAR DO TEMPO		143
TROVAS DA MESMA RIMA		144
DOIS PRELÚDIOS		148
ELEGIA DO TEMPO E DA SAUDADE		150
MULHERES SIMPLES		154
POÈME		155
POEMA DO SORRISO INEVITÁVEL		156
POEMA PARA AS MULHERES FEIAS		158
ELEGIA DE VOLTA DO VEIANTE		160
POEMA PARA O MEU CÃO		162
O CARLOS		164
MEU VERSO		170
ELEGIA APÓS DRUMOND		171
O POEMA DE SEMPRE		173
REDONDILHAS CAMONIANAS		176
MEIA NOITE E MEIA LUA		180
SONETO DO TEMPO INÚTIL		181

DUAS ELEGIAS	182
ERAM TRÊS MARIAS-LUAS	187
EU TE AMO	189

LIVRO VI — DOIS POEMAS 191
O LIVRO DE RUTH 193

CAPÍTULO I — ELIMELECH EM MOAB	195
NOEMI FALA ÀS SUAS NORAS	201
O MENINO E A DESCOBERTA	217

LIVRO VII — INTEMPORAL ESPAÇO 251

TEUS OLHOS	252
TU	254
POEMA LOUCO	255
CAMINHADA INCERTA	257
O VELHO	258
O TRINAR DAS RIMAS	259
À FALTA DE SINO	260
DOMINGO	261
SÃO PAULO SOB CHUVA	262
NOITE	263
O CANSAÇO DO TEMPO	264
CAVALOS	265
REI	267
TATUAGEM DO TEMPO	268
O UNIVERSO	270
SEMPRE	271
NEM SEMPRE	273
REFLEXO	274
NOSSO AMOR	275
À NOITE	276

LIVRO VIII — PRETÉRITO IMPERFEITO	277
A LENDA DO COMEÇO APÓS	279
SONETO DE MEU RETORNO	284
1996	285
PONTOS TEMPORAIS	286
CAVALEIRO	287
DOMINGO À NOITE	288
MEU LAÇO	290
DOMINGO PELA MANHÃ	291
VERSO	293
MEU VERSO	294
SONO	295
RETORNO	296

PRESENTE QUASE PRETÉRITO **299**

NAVEGANTES DO ESPAÇO	301
RETRATO FALADO	302
MEMÓRIA ATADA	303
POEMA SEM HORIZONTE	304
ETERNAMENTE RUTH	305
ANO 2000	306
TEMPO ESCASSO	308
FÉRIAS	309
RUTH	310
EM NATAL	311
MINI-CURRÍCULO IVES GANDRA DA SILVA MARTINS	313

LIVRO I

PELOS CAMINHOS DO SILÊNCIO

1956

REFLEXO SEGUNDO

Eu sou o poeta, que correu o mundo,
Que sentiu tristezas
E calou misérias.

Eu sou o poeta, que viveu o mundo,
Que buscou respostas
E encontrou silêncios.

Eu sou o poeta, que esqueceu o mundo,
Que sorriu à vida
E caminhou sozinho.

No deserto de ilusões,
Os amigos desprezaram meu falar
E eu pouco me importei,
Porque, algum dia,
Os amigos serão simples,
Serão bons
E eu perdôo os de hoje, por aqueles.

No mercado de ilusões,
As mulheres gargalharam meu olhar
E eu pouco me importei,
Porque, algum dia,
As mulheres serão puras,
Serão nobres
E eu perdôo as de hoje, por aquelas.

No templo de ilusões,
Os sacerdotes romperam meu rezar
E eu pouco me importei,
Porque, algum dia,
Os sacerdotes serão sábios,
Serão crentes
E eu perdôo os de hoje, por aqueles.

O poeta é o mensageiro da esperança,
O poeta deve crer
E eu creio,

Porque

Eu sou aquele,
Que, ainda, sonha flores
E descobre estrelas,

Eu sou aquele
Que, ainda, busca anjos,
Onde existem feras,

Eu sou aquele
Que, ainda, prega aos fortes
E defende os fracos...

REFLEXO TERCEIRO

Eternidade

O canto é indefinido,
A noite triste.

O luar tem rabugens de rancor
E brilha
E foge
E para
E olha
O vate só.

O canto é indefinido,
O vate escuta.

As árvores são espectros
De inverno,
Assombrações
Do quadro estranho.

O vate pensa,
A noite é triste.

Ninguém lamenta
E nenhum grito
De boca fria
Acorda a vida,
Que dorme, calma,
Virge'entre loucos.

E o canto é indefinido

E a noite é triste

E o vate escuta.

REFLEXO QUARTO

Promessa

De esquecimento,

Na memória eterna

Do inesquecível.

INSTANTE LÍRICO Nº4

MAY
Grasse

Linda mulher abraçada,
De pé, sobre uma sacada
Muitas vezes secular.
As sombras pela avenida,
Refletindo, enternecida,
A soledade lunar.

Um rapaz acariciando
Seu rosto, de quando em quando,
E o mar dormindo distante.
Um passado, que se esquece,
No silêncio desta prece.
Serenidade do instante.

INSTANTE LÍRICO Nº 5

SIMONE
Paris

Dois rostos sempre mais juntos,
Quanto mais lento se dança.

Cadeiras mal distanciadas,
Na penumbra do salão.

Dois rostos quase colados
E já não se dança mais.

Paris. Mont-Martre. Madruga.
Escadas do Sacré-Coeur.

Dois rostos calmos se unindo,
Num beijo de despedida.

O CANTO DO SILÊNCIO

O canto do silêncio, no deserto,
E aquela, que eu almejo... Nada mais.
Ginetes brancos pelos areais
E os olhos dela dos meus olhos perto.

Olhos formosos, cor de lodaçais,
Parados, firmes e o caminho incerto,
Seu rosto calmo, campo indescoberto,
E os cascos a soar dos animais.

A sombra das palmeiras, a água fria
E a sede dos cavalos... Fim do dia.
Apenas, meu amor, inda, desperto.

Gelada e linda boca, clara fonte.
Desejos de corcéis pelo horizonte
E o canto do silêncio, no deserto.

O FRUTO DESEJADO

Teu olhar é o fruto desejado
Do silêncio primeiro,
É o canto inesperado de um noturno,
Sobre o negrume do mar.

Teu olhar é a sombra procurada
Da palmeira arábica pendida,
Nas desertas solidões.
Teu olhar é o rio inavegável,
Por onde as ilusões de um outro olhar
Soçobram destroçadas.

Teu olhar é meu.

Teu olhar tem o calor enfeitado
Dos mistérios insolúveis,
A languidez felina e deliciosa
Do contorno indefinido.

Teu olhar tem o brilho amortecido,
O merencório lume infinital
Das eternas buscas.
Teu olhar tem a palidez ebúrnea,
Dos crepúsculos cinzentos,
Das noites desvanecidas.

Teu olhar me tem.

ESTRADA CERTA

Eu fui para você a estrada certa,
A qual se encontra, em meio à encruzilhada,
Estrada estreita, que a atenção desperta
Àquele, apenas, que já viu o Nada.
Eu fui para você a estrela clara,
Que reconsola o lavrador sozinho,
Descendo sobre os restos da seara,
Plantada e morta, à beira do caminho.
Eu fui para você a fonte amiga,
Que salva, no deserto, o peregrino
E que o salvado a vida inteira abriga,
Por capricho calado do destino.
Você foi para mim o calmo dia,
Que sucedeu à noite mais vazia.

HOJE E SEMPRE

Eu te amarei hoje e sempre,
Padecendo o teu silêncio
E a minha serenidade.

A tormenta vence o barco,
Mas, se o barco não soçobra,
Volta a buscar a tormenta.

Eu te amarei hoje e sempre.

MINHA IRMÃ

Chega perto, minha irmã,
Perto de mim.
Quero o poço de minh'alma desvendar.
Quero, sim,
Que, quando olhá-lo,
O teu olhar
Seja espelho deste mal
Que não tem fim.

Chega perto de minh'alma,
Minha irmã,
Que o segredo, que ela tem,
Não tem segredo;
Olha o fundo de meu poço,
Olha sem medo,
Olha o fundo,
O fundo negro, minha irmã.

Nasce lodo, no meu poço
Negro, em cuja
Profundeza já brotaram claras fontes,
Fontes claras,
Como as garças de horizontes,
Fontes claras,
Fontes. hoje, de água suja.

Nasce lodo, minha irmã,
Mas quanto lodo!
E o lodo nasce sem parar
E o lodo nasce,
Que eu não sei, ó minha irmã,
Se eu te contasse,
Se a verdade eu contaria,
Em todo o todo.

O meu poço de água clara,
De água calma,
Espelhava, outrora, o céu,
O céu de estrelas,
E eu julgava, minha irmã,
N'água rete-las,
Tendo o céu
Dentro do poço de minh'alma

Chega perto, minha irmã,
Que a desventura
Não permita
Que a minh'alma seja vã...
Mas os astros de teus olhos,
Minha irmã,
Ou não podem refletir-se n'água escura.

ONTEM E HOJE

Ontem,

Eu te encontrei à beira do caminho,

Chorando,

E eu te olhei. E tu me olhaste.

O caminho era longo,

O tempo era curto

E eu bem quis continuar,

Deixando-te à beira do caminho,

Mas tu me olhaste... e eu te olhei.

A tristeza de teu rosto era tão bela,

Que eu esqueci

Que o caminho era longo,

Que o tempo era curto

E me achei à beira do caminho

E bem te olhei e bem me olhaste.

Assim foi.

Hoje,

O caminho ainda é longo,

O tempo é tão mais curto

E eu fui deixado à beira do caminho,

Calado,

E não me olhaste, quando eu te olhei...

OSTER E MORE

PRELÚDIO III

Eu sei que aquela luz imaculada
Há de romper a noite de meu dia,
Aquela luz, que é fim, na minha estrada,
E que o começo, eu sinto, inda alumia.
Eu sei... porém as trevas são tão fortes
E tão esparsa, ao longe, vejo a luz,
Que morro, a todo instante, muitas mortes,
A caminho da Morte, que reduz.
Há noite tenebrosa, em todo o dia,
E dia de repouso, em toda a noite,
E o dia faz a noite tão vazia
E a noite faz do dia, um rude açoite.
Eu busco aquela luz imaculada,
Aquela luz, que é fim da minha estrada...

PRELÚDIO IV

E o caos, por estender-se eternamente,
Faz dispersiva a trilha, em que me vejo...
Escuro labirinto, areia quente
E o silêncio, em redor de meu desejo...
De que me vale a luz, que, em sonho, almejo,
Se a imensa escuridão sempre a desmente
E se, quando as estrelas, doido, beijo,
Eu olho e sinto lama, em minha frente?
Solução por estradas, quão inútil!
Estradas, que se perdem no deserto,
No quente labirinto, que seduz...
E após... a solução, que existe, é fútil,
O caminho trilhado é tão incerto
E como, ao longe, falta aquela luz!

PRELÚDIO V

A imensidão vazia, em minha frente,
E a busca, sem sentido, atrás de mim,
Silêncio a que se chega, de repente,
E nada mais... E a vida inteira assim,
Morta a esperança jovem, com que vim,
A calma da tristeza, que se sente,
Rosas caladas dentro do jardim,
Que existe, em cada ser indiferente.
O desespero inútil. Desespero.
Encontro, enfim, o símbolo do dia
E vejo a minha vida sem um fim.
O tempo, porém, passa. Mas que espero?
Em minha frente, a imensidão vazia
E a busca, sem sentido, atrás de mim.

PRELÚDIO VI

Por que, se a noite descortina a paz,
Eu hei de procurar um novo dia,
Sem ver o que se esconde por detrás
Da própria origem sálmica e vazia?
O desprezo faria a noite linda,
Fosse liberto o mundo para mim,
O medo, em não o sendo, faz infinda
A busca inebuscável de meu fim.
A noite e o meu desprezo, força fraca,
O dia e o medo meu, fraqueza forte,
Espírito-Matéria, luz opaca,
Que leva minha vida à minha morte.
Por que, se o dia sempre foi prelúdio,
Não recebeu jamais o meu repúdio?

PRELÚDIO VII

Partirei, solitário, pela senda,
Que, um dia, Teu Silêncio há de mostrar,
Como rio, que, por mais que se estenda,
Há de sentir, enfim, o sal do mar.
Partirei, esquecido a lua cheia,
Curvado ao fardo já do calmo estio,
Os passos norteando pela areia,
Calado o coração, que há de estar frio.
Partirei, esperando aquela noite,
Que, sempre, os sonhadores nivelou,
Como espera o cativo o duro açoite,
Que o há de libertar do que pecou.
Partirei... Que senil serenidade
Vejo atrás do porvir de minha idade!

LIVRO II
TEMPO PRETÉRITO
(SONETOS)

1982

SONETO DAS DOZE E DAS DEZ SÍLABAS

Descompassado cruzo o espaço de teu tempo
Destemperado, forjo o tempo em teu espaço.
A noite cria formas, ao relento,
Descortinando anseios, que refaço.

A madureza desce e ao fruto tendo
Em tudo o que passei, a cada passo,
Desenterrando a messe, no seu tempo,
Num tempo que se mede sem espaço.

Mormaço. Feito d'aço. Sempre escasso.
Não descobri, não desvendei e nem desvendo.
Silêncio de ti mesmo, em toque lasso.

Aquele mesmo toque, cor do vento,
Que não venta e colora todo o espaço,
Quando a verdade eterna faz o tempo.

A VERDADE DO JARDIM

A verdade de tudo silencia.
Nem antes. Nem depois. Apenasmente.
Há traços escondidos pelo dia,
Iluminando a noite em tom crescente.

O cansaço do tempo preludia
O repouso de todos. Todamente.
Nem sempre, no prelúdio, todavia,
A pura imagem resta diferente.

O que vale, porém, a descoberta?
A justiça bem manda que no fim
Não se cubra este bem, que não desperta...

A verdade de tudo é sempre assim,
Estrada escura, incômoda e deserta...
Por isto creio mesmo no jardim.

SONETO PARA ÂNGELA

O quadro há de restar no meu sossego.
Chorou a mãe, singela e mansamente,
No batismo da filha. O seu apego
Foi, nos meus anos, o melhor presente.

Nem o silêncio vale este amor cego.
Ter uma filha assim tão docemente
É mistério profundo que não chego
A compreender. Mas sinto o que se sente.

Aos vinte e seis, na vida, sou esposo
E pai, em duas vezes, de um casal.
Renovo de meus pais os mesmos gestos,

Como renovarei o seu repouso.
Eis por que silêncio o carnaval
Que se escoia nas ruas e nos restos.

A MÁQUINA DO TEMPO

A máquina do tempo continua,
Monótono e silente mecanismo.
A solidão reflete, pela lua,
No passado, um estranho cataclismo.

É, porém, no porém, a realidade.
Não conhece nem "mas", nem "todavia".
Viver sempre a passar faz a verdade,
Que passa, num só passo, a mesma via.

Revolta-me, por vezes, seu caminho,
Que mostra, desde o eterno, o eterno fim.
A vida é um interstício tão mesquinho,

Que poucos reconhecem ser assim.
Mas o escravo não pensa como o dono,
Nem todos como o tempo antes do sono.

SONETO PARA RUTH

Quinze anos completei, no mesmo passo,
Descortinando auroras e lembranças,
Num caminho que o tempo sem espaço
Jamais desfez os sonhos e esperanças.

Somente o olhar agora está mais lasso,
Mas nele quantas vezes tu descansas?
O amor, porém, renasce, nunca escasso,
Qual nos idos das múltiplas andanças.

Quinze anos completaste, sempre igual,
Tão mulher, tão silente, tão amiga,
Sem súplicas, sem crises, sem rival,

Que eu não sei que dizer, por mais que diga,
Quanto amor eu te tenho e quanto o mal
Se desfaz quando eu faço esta cantiga.

O NAUFRÁGIO

O naufrágio roubou-me o barco triste,
Silentemente, como rouba a vida,
O meu naufrágio é um mal, que mal existe,
Pois que, no fim, começa outra partida.

Anteriormente vira esta ferida,
Ferida, meu amor, que nunca viste.
Continuei capitão, que inda resiste,
Porém, sem ter sentido tal descida.

O naufrágio, portanto, foi normal.
O barco triste soçobrou por frágil,
Nas águas calmas, desfazendo em sal.

Depois, o mar voltou a ser caminho
De um outro menos triste e bem mais ágil
E o barco triste o mar deixou sozinho.

SONNET

Si je chantais une chanson, faisant la cour
À douce jeune fille et bien de moi chérie,
Si je disais à tous le mal de cette vie,
Peut-être vous, vous me verriez comme toujours.

Si je chantais une chanson, remplie d'amour,
À peine à vous, jolie suplice et tendre amie,
Et si j'étais une personne de génie,
Peut-être vous de moi ririez bien sans détour.

Si je chantais une chanson, la plus fidèle,
Sur ma douleur sincère et par vous éternelle,
Peut-être, ainsi, vous vous tairiez uniquement.

Mais, si ne chantant plus, déjà sans tous mes charmes,
Je vous pouvais montrer si seul de tristes larmes,
Peut-être vous m'embrasseriez, tout simplement.

MEU CANSAÇO

Neste tempo de naves pelo espaço
E de espaços, no tempo, descobertos,
Eu vivo navegando por desertos,
Que se escondem detrás de meu cansaço.

O meu cansaço sempre foi vanguarda
Da cidade que albergo junto a mim,
Cuja ponte atravesso de cor parda
Por causa d'água vinda do jardim.

Nesta cidade, mora tua imagem
Despida do que trouxe d'outro centro,
Colorida por nítida paisagem
Do universo que tenho cá por dentro.

Neste tempo de naves pelo espaço,
Eu inda vivo atrás de meu cansaço.

O SONETO MAIS ESTRANHO

Silêncio o soneto mais estranho.
Nem meu. Nem de ninguém. Por quê? Não sei
O olhar foi talvez verde ou foi castanho,
Bem antes do silêncio em que parei.

Há reinos esperando por seu rei
E banhistas que buscam no seu banho
Equacionar o tempo com a lei.
O silêncio do espaço, que eu arranho.

Onde arranho, onde luto e silencio,
Vive o soneto mais estranho assim.
O sol onde ele nasce é sol de estio,

Que não conhece o aroma do jardim.
E desta história lá eu perco o fio,
Pois lá começa a história de meu fim.

TEU SILÊNCIO

O Teu silêncio busco desvendar,
Nas névoas de uma estrada, que não trilho,
Sendo aquele que tem casado o olhar
E que luta por ser chamado filho.

O Teu silêncio é forte e muito fraco
A força que projeto na procura,
Alicerce desfeito sem estaca,
Luz apagada em plena noite escura.

O Teu silêncio vive em minha vida,
Cujo curso reduz o seu caminho,
Mas ando sempre e sinto esta ferida
Que a rosa nunca faz, mas faz o espinho.

O Teu silêncio eu sei, porém, um dia.
Será descortinado e a minha via.

OLHAR DE INFÂNCIA

Penetrei pela enorme profundidade
Deste mar colorido de teus olhos.
Triste azul. Melancólica tristeza.
Penedo transformado sem escolhos.

Penetrei. Nadador por ter nadado.
Suicida solitário. O mar azul
Logo cobriu-me num estranho fado
Que, em vez do Norte, descobriu o Sul.

Azul dentro do azul. A maresia
Marítimos escombros desvendava
E os sonhos que eu fazia, desfazia,
Desfazendo um abismo à idéia escrava.

Afoguei-me no fundo da distância
De um olhar, que busquei por minha infância.

QUERER-TE

Não consigo este vício abandonar
Que me faz, pelo tempo, sempre igual,
Como igual corre a noite sobre o mar
E deixa o mar na praia seu sinal.

O vício me ensinou a naufragar,
Num naufrágio romântico e informal,
Que não traz o sossego por seu par
E não chega, no todo, a ser um mal.

É, contudo, perpétuo como o sal,
Silente como o puro comungar
E triste como o amor sem ter aval.

É o vício de querer-te, devagar,
De mansinho, de fato e de enxoval,
De minha prole mãe, em santo altar.

NAVEGAR

Naveguei pelo toque de teus lábios
Nos meus dedos de porto solitário,
Esquecido que o mapa dos mais sábios
Desconhecia o mar imaginário.

Naveguei, dirigido pelos astros
De teus dentes abertos para o espaço,
Enfunadas as velas destes mastros
Pela força de teu sorriso lasso.

Naveguei, despejando as velhas sondas
Que a terra medem pelo som da sorte,
Indo o barco, que eu tinha sobre as ondas
Buscando o cais meridional do Norte.

Naufraguei, todavia, em dois escolhos,
Encontrados no golfo de teus olhos.

O ENCANTO DA PRESENÇA

O soneto do amor, que não tem fim,
Eu refaço, silente, uma vez mais.
Há cores florestais no meu jardim,
No meu jardim... sem cores florestais.

A imensidão das sombras noturnais
De novo ganham vida, atrás de mim,
Navio que navega junto ao cais
Ou corcel livre e preso no selim.

O soneto do amor, de um grande amor,
Que a própria vastidão não é tamanha,
Infinita a visão de sua crença.

Continue assim sendo o seu calor
E traga, dessa forma sempre estranha,
À minha vida o encanto da presença.

SONETO PARA IVES FILHO

O soneto do meu desfazimento.
O mesmo que já fez meu pai, um dia,
Renovo, num só gesto, sem momento.
O soneto da luz, que a vida cria.

Sou eu e mais um eu de igual argila,
Que a origem trouxe ao mundo por meu pai
E o tempo, que por gotas se destila,
No espaço se eterniza e não decai.

Eu sinto que já fui, sou e serei.
Desde as sombras ancestras da partida.
E eu sinto que esta forma forma a lei,
Quanto mais renovada volta à vida.

O soneto da estrada, que hoje trilho,
Que é minha, de meu pai e de meu filho.

É NOITE

É noite. À minha amada este soneto
Componho sem momentos de cansaço,
Quando o tempo dos versos faz-se escasso
Como bandas de música em coreto.

O costume da frase teve danos,
Igual folha varrida em tempestade.
Restou-me apenas, nua, esta verdade
Que me segue, silente, pelos anos.

Quero-te muito, mãe de meus seis filhos,
Mulher de meu amor, sem convenção.
Conduze-me assim sempre o coração
Como um trem conduzido por seus trilhos...

É noite. À minha amada, em próprio punho,
Componho este soneto, sem rascunho.

ESBOÇO

Feneceram as rosas pelo azul.
O verde naufragou em plena idéia
E perdeu o comando para o Sul.
Soçobraram lembranças de odisséias.

A bordo do naufrágio estava o mar.
Debalde. A sonda cinza não mais era.
Restava o simbolismo cor de âmbar
De um Outono medido em primavera.

Mimosas... depois foram sobre o espaço
Colorações de seda em sombra rubra.
Da funda emanção ficava um passo,
Que o negro faz que o branco sempre cubra.

Eis o esboço de um simples quadro estranho,
Onde passem meus versos sem rebanho.

ORFEU

Nenhuma estrela havia, em seu olhar.
Um silêncio noturno mal rondava
O muro esmugecido do pomar,
Cujo fruto sua alma alimentava.

À noite era, porém, linda e presente,
Coberta a lua por escura fronha,
Era a noite do tempo inexistente,
A noite, que consola o mal, que sonha.

Mesmo assim colorava-se de morte.
Um olhar negro é duplo e, se empoçado
Em funda sensação, encerra a sorte
De um outro olhar no olhar do próprio fado.

Nenhuma estrela havia. Havia Orfeu,
Lembrando-se da amada que morreu.

ANO NOVO

A chuva, que tombou hoje de tarde,
Com tristeza, saudou este ano novo,
Que, tímido bem mais do que covarde,
Inicia o caminho junto ao povo.

Há fome provocada no país
E a corja, que o governa, é satisfeita.
Faz muitos anos que a Nação feliz
Deixou de ser. O tempo é de colheita.

A messe traz o sal do desespero
E a gente vive agora a tempestade,
Sorvendo o fel da taça, por inteiro.
A dor, na terra, perde a própria idade.

Que este ano novo, assim, não se acovarde
Tal como fez a chuva de hoje à tarde.

ÚLTIMA SEMENTE

Eu a tive por última semente,
No silêncio do fim, que desencanta.
Como renasce a vida, fragilmente,
A terra renascera, em muita planta.

A pálida semente, porém, fria,
Eu conheci, na terra, mal lançada,
Simbolismo patético do dia,
Perto da noite e não da madrugada.

Eu conheci, no solo, ressequida,
Tão morta, logo após o seu carinho,
Como a vida ressurgue, parte a vida
E a terra tem, calada, igual caminho.

Eu a tive por última semente,
Sem forças, trespassado, mudamente.

LIVRO III
LENDAS
(MARABÁ)

1991

MARABÁ

A lenda de Marabá é um misto de poesia e heroísmo, com que os que a criaram ou a colheram da cultura autóctone procuraram dar idéia das primeiras dificuldades originadas do encontro de dois mundos diferentes, no Brasil, a saber: o português e o indígena.

Marabá é filha do amor de um conquistador português e da descendente de um nobre guerreiro índio, que vive só, desde seu nascimento. Herdou do pai a cor dos cabelos e a coragem, e da mãe, a beleza e o devotamento a um amor. Apaixonando-se por um cacique de sua tribo, já comprometido, foge com este para se encontrar com os portugueses. Perseguidos pela tribo, vem o seu prometido a se ferir mortalmente em batalha e a encontrar, também, a morte, nos braços de seu pai, pelas mãos de seu amado, que, não compreendendo o gesto do reencontro, pensando fosse Marabá cair em mãos de outro, mata-a, em seu último gesto.

O poema é dividido em sete partes. Na primeira, Marabá conhece Ipojuca, quando este a salva de ser morta por uma onça. Na segunda, Marabá conta sua história a Ipojuca. Na terceira, Ipojuca e Marabá se amam. O amor é descoberto pela noiva de Ipojuca, na quarta parte, prometendo esta vingança. Na quinta parte, a noiva incita a tribo a perseguir o casal, que foge para se encontrar com os portugueses, na sexta parte. Na última, Marabá é descoberta pelo pai e morre atingida por Ipojuca.

CANTO I

I

A lua dentro do lago,
No silêncio do noturno.

A bela junto às estrelas,
Na relva grande sumida.

O fundo negro do lago
E dentro do lago a lua.

A terra de relva escura
E a bela despercebida.

A negridão do noturno,
Cintilações das estrelas.

Os sonhos recordações
Distância da virgem-só.

Caminho de incertitude,
Anseios desconhecidos.

Estrelas da negridão.
E dentro do lago a lua.

Noturno da solidão,
Desejo da virgem nua.

A bela, corpo de anseios,
Anseios desconhecidos.

O fundo negro do lago
E a terra de relva escura.

II

E de repente, um bramido,
Pelo silêncio, em pedaços.

A bela pula, desperta,
A fera pula depois.

O espelho negro do lago
Estilhaçado no choque.

Na escuridão do noturno,
A lua fora do lago.

III

A bela, cabeça apenas.
Dois astros de fria espera.

A fera, músculos, margem.
Dois vulcões incandescentes.

A lua dentro do lago,
No silêncio do noturno.

IV

O silvo, a flecha e o rugido
Rasgando os ares, de um golpe.

Um corpo dentro do lago
E fora do lago um corpo.

V

— "Quem és, Guerreiro da noite?"

— "Sou a Noite do guerreiro".

— És a Noite do guerreiro!...

Acaso as sombras te irmanam
Das sombras Sombra primeira?"

— "Sombra primeira das sombras,
Irmanadas pelas trevas,
O Dia busco sem Noite".

— "O Dia buscas sem noite!
O Dia, que Dia é grande
Para buscares na Noite?"

— "Nas noites, a Busca é certa
E os dias certos, incertos.
A Noite sou eu nas noites
E o Dia alguém há de ser".

— "E o dia alguém há de ser!
Ó Noite, acaso o teu Dia
Há de haver nos dias-noites,
Ou a busca que assim buscas,
Não será Noite sem Dia"?

— "Sem Dia a Noite seria
Se a Noite-Dia não fosse".

— "Sem Dia a Noite seria
Se a Noite-Dia não fosse...
O Dia, devo-te, Noite".

— "A Noite deve-me, Dia..."

CANTO II

"Era um belo guerreiro cor do sol.
Fora à caça, talvez. A caça foi.
Um bravo desbravado pela selva,
Esquecido dos seus, dos nossos visto.

A batalha mais breve que calada.
Dois fortes da floresta com Tupã.
Com os nossos o forte de além-mar.

Quando a Lua, no etéreo fez-se inteira
Mil índias desejando a Noite-Sempre.

Anhembira era o chefe, a filha Iná
E o sorteio da filha deu a mãe.

Iná, morena Virgem da Alvorada,
Pelo pai destinada a algum cacique,
Da rede em que dormia o prisioneiro,
Aproximou-se, muda e sem amor.
A noite era mais fria que esta noite...

O prisioneiro olhou-a, indiferente,
E disse: — "A que destino feio e triste
Esta bárbara gente te mandou!
Sem me amares teus sonhos corrompidos
Pelo esposo, da morte condenado,
Serão nas poucas horas que me restam.
E após, o desencanto, a eternidade
E os desejos inúteis para sempre.
Seja-te leve o fardo e a terra a mim".
E apenas se calou, nos braços brancos,
Tomou o corpo quente da gentia.
E o tempo se passou. É curto o tempo.
A Virgem da Alvorada, de repente
Enternecida, viu-se transformada
E docemente forte... e calma e linda
Ao guerreiro cabelos cor de milho
Assim falou: "Senhor, sou tua esposa,
Prometida, em sorteio, sem amor,
E já de amor tomada. És meu. Sou tua.
Tupã é grande e sábio seu pensar,
A lua está dormindo nas alturas
E dorme a tribo toda de cansaço.
Hei de salvar-te a vida. Vem comigo.
O rio fica perto. A selva sonha
E o canto do silêncio há de guiar-me".
Duas sombras cobertas pela lua,
Durante a noite, inteira. Despedida.
Um anel com Iná, na areia olhando
Um barco no horizonte. O sol nascendo,
Anhembira chorando a filha longe
E a tribo revoltada. Nada mais.

Duzentas e setenta e quatro luas
Passadas tinham sido quando o brilho
Da noite, em vez primeira apercebi.
Algumas mil após, Iná contou-me
Aquilo que te conto. Era eu menina,
Menina, mas sozinha já vivendo.
Deu-me, então, este anel e só partiu,
Chamando-me, à distância, "Marabá"...

CANTO III

I

"Teus olhares verdes são as tochas tristes,
Da festa agonizante,
Teus olhares verdes são os cantos ternos
Do sonho de um instante

Teus cabelos milhos são os sóis esguios
Em mares que desejo,
Teus cabelos milhos são as áureas nuvens
Nos cânticos de um beijo.

Tuas faces alvas são as praias frias
Da fonte de água clara,
Tuas faces alvas são os frutos novos
Da virginal seara.

Teus lábios cerejas são os favos-mel
Em árvores perdidas,
Teus lábios cerejas são os fogos rubros
Das noites desmedidas".

II

Marchou a terra pelo Eterno
E a lua centro fez-se triste
E por um arco se mudou.

III

— "Pelo tempo sem espaço,
Eu te adorei desde sempre.

E te adoro desde agora
Por um espaço, sem tempo.

Agora e sempre
Sempre e agora.
Marabá".

IV

— "Eu fui só.

A vida é doce ao lado teu.

Eu te adoro para sempre, desde agora.

Noite do guerreiro".

V

Um arco refletido, indiferente,
Nas águas da lagoa.
Dois corpos pela relva.

CANTO IV

CANTO IV

— "Ipojuca!.. Teu nome há de ser vil,
Teu nome tantas vezes celebrado.
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,
Teu corpo tantas vezes elevado.

Serpentes nascerão de tua carne,
Asquerosas, rasteiras, com feridas,
E a terra será seca, onde jazeres,
Sem plantas, sem pegadas, sem presentes.

Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,
Teu nome tantas vezes celebrado.
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,
Teu corpo tantas vezes elevado.

Os anos tornarão o tempo Eterno
E o Tempo-Eterno chamar-te-á maldito,
Os homens morrerão no Eterno-Espaço,
Maldito inda, na morte, te chamando.

Ipojuca!... Teu nome há de ser vil,
Teu nome tantas vezes celebrado.
Ipojuca!... Teu corpo há de tombar,
Teu corpo tantas vezes elevado..."

"Moema basta, que as palavras cansam...
Tanto falaste e não falaste nada.
Marabá... Sou a Noite do guerreiro
A Noite de Ipojuca, o bravo forte,
Cacique de uma tribo de valentes,
Heróica sempre e sempre vitoriosa.

Prometido em infante, a quem me fala,
Deixei a minha glória e o seu amor
Pela busca do Dia, que me deste...

Amei falar de símbolos, os símbolos
Que tu tão bem sentiste, mas que, escárnea
Moema amaldiçoa agora mesmo...
A vida do tapir é dentro d'água
E nunca num deserto... Assim sou eu..."

— "Ó sórdido guerreiro... Como és vil
Mas ouve-me Ipojuca... e Marabá.
Amei, outrora e sempre, o bravo chefe
De um povo de valentes, que é meu povo
O chefe, que foi bravo, o abandonou,
Contudo, o povo... o povo é de valentes
E um chefe novo há de ser novo chefe.
Que os deuses compadeçam-se, bondosos
Do vosso amor mesquinho e tão pequeno.
Vivendo de escondido e pela sombra,
Que a cólera da tribo há de ser grande".

— “Dizes, Moema, outrora ter amado
A quem agora eu amo. Não o creio.
Qualquer amor é filho da renúncia
E tu não sabes, louca, renunciar.
O nosso amor é forte como o Eterno
E a compaixão dos deuses dispensamos.
A cólera de um povo por mais forte
Há de ser fraca junto ao nosso amor.
Teus bravos, como os chamas, todos, todos,
Que venham contra nós, armas nas mãos,
Que havemos de chamá-los, desarmados.
Sozinhos, entre tantos, de covardes.
Hoje mesmo partimos desta terra
Em busca de meu pai, que mora longe,
E o temor que vos temos é tão pouco
Que não te escondo nada... Corre... Corre...
A tribo inteira chama... persegui-nos...
Que todos vós, sozinhos, não tememos”.

CANTO V

— "Ó guerreiros da tribo dos fortes,
Esta história de fracos ouvi,
Que eu não minto e Tupã, meu Senhor,
As palavras, que eu digo, j'ouviu.

Ipojuca, que é bravo e que é forte,
Que seu povo, na guerra, comanda,
Que as vitórias, que tem, lhe são tantas,
Como os astros nascidos do céu;
Ipojuca, que é belo e que é nobre,
Que as mulheres da tribo desdenha,
Que do amor busca fuga nas noites,
Como as feras banidas do campo;
Ipojuca, que é justo e que é sábio,
Que os enfermos socorre, bondoso,
Que, sozinho, afugenta a maldade,
Como o sol nas manhãs as estrelas;
Ipojuca fugiu de seu povo,
Ipojuca chorou, por estranha,
Ipojuca esqueceu da justiça.

Uma estranha formosa os seus olhos,
Sem ardor e sem brilho tornou.

Uma estranha formosa por trêmula
Sua voz de valente mudou.
Uma estranha formosa aos seus músculos
Toda a força de bravo tirou,
E Ipojuca, levado lá vai,
Pela estranha formosa, que o tem.

Por acaso Tupã é mais fraco
Do que quanto esta tribo nasceu?
Por acaso este povo gigante
Se olvidou de Tupã, meu Senhor?
Por acaso Tupã e meu povo
Pelos anos as forças gastaram,
Que uma estranha formosa e um guerreiro
Humilhando guerreiros de outrora,
Orgulhosos, nos deixem, sorrindo,
Agredidos os nossos rincões?

Se a vingança da tribo dos fortes
Esperar um momento, não mais.
Que meus filhos Tupã os sufoque
Quando forem, no ventre, gerados,
Porque é triste viver entre fracos
Para afronta tamanha lavar.
Só a morte dos dois é tamanha,
Que me sigam os fortes, apenas,
Que dos fracos Tupã se apiada".

CANTO VI

A campina,
Um lago cor do sol.
A floresta, uma margem,
O forte, outra.

A horda da floresta
Deixa a sua.
O lago em tempestade.
Vagalhões.

O batalhão do forte
A sua deixa.
Uma pedra estilhaçando
A superfície do lago.
Espriamento.

No centro,
A Noite e o Dia
Pinheiros emergindo
De uma ilhota,
Em face da tormenta.

CANTO VII

I

- "Noite, procura do Dia,
Dia prelúdio da Noite".
- "Teu povo foge, Ipojuca,
Ao fogo do povo meu.
Ipojuca, estamos salvos".
- "O brilho da lua é forte,
Mas vejo as sombras tão perto".
- "Meu povo chega, Ipojuca...
Tuas chagas sararão".
- "Os raios rubros do sol
Emanam do corpo meu
E deixam chegar, calados,
Os brancos raios da lua".

II

Marabá de joelhos tendo
Ipojuca pelos braços.
O grupo do forte junto.

III

— “Meu Deus, este anel foi meu!
Minha filha... és minha filha!”

IV

O velho capitão loiro
Tomando a bela nos braços,
Dizendo, quase a chorar,
"Minha filha, minha filha",

Um silvo agudo de flecha
Um grito de Marabá
E as palavras de Ipojuca.
"Ou só minha ou de ninguém".

V

A lua sobre a campina
E duas cruzes no meio.

LIVRO IV

QUARTETOS DE LADAINHA

1993

SANTA MARIA

Santa Maria, o Universo
É Teu, desde o Santo Lenho.
Não cabendo neste verso
O querer que por Ti tenho.

SANTA MÃE DE DEUS

Minha Santa Mãe de Deus,
D'Ele Mãe, mas também minha.
No calor dos olhos Teus
Ganha força quem caminha.

SANTA VIRGEM DAS VIRGENS

Neste mundo de vertigens,
Que se revolve no mal,
Tu, Santa Virgem das Virgens,
Revelas rumo ancestral.

MÃE DE CRISTO

Discreta, Tu te fizeste
Nossa Mãe, por Mãe de Cristo.
Oeste, Norte, Sul e Leste
São sempre Teus... Teus, insisto.

MÃE DA IGREJA

Tornaste-Te, Mãe da Igreja,
Sinaleira intemporal
Da mensagem benfazeja
Que semeia a terra em sal.

MÃE DA DIVINA GRAÇA

És Mãe da Divina Graça.
Tiveste Deus em Teu Seio.
Gloria-Te, a humana raça,
Sem tréguas e sem receio.

MÃE PURÍSSIMA

A pureza é Teu adorno,
Teu encanto divinal,
Que aos Santos traça o contorno,
Transformado em memorial.

MÃE CASTÍSSIMA

No tempo dos desatinos,
A casta Mãe nos consola,
São meninas, são meninos
Que o dom Te pedem de esmola.

MÃE IMACULADA

Sonhei, Mãe Imaculada,
Sonhos de encanto e ternura,
Subindo na estranha escada
Lançada a quem Te procura.

MÃE INTACTA

És toda Mãe, por inteiro,
Intocável, tão perfeita.
Navego, qual marinhoiro,
Buscando Tua receita.

MÃE AMÁVEL

Amável Mãe, o Teu Povo
Espera conselhos Teus.
Pois sabe que tens de novo
Conselhos vindos de Deus.

MÃE ADMIRÁVEL

Mirável no Eterno Espaço,
Teu encanto sem contorno,
Devolve ao cristão mais lasso
A vontade de retorno.

MÃE DO BOM CONSELHO

Tu és Mãe do Bom Conselho,
Da verdade és Tu vestida,
Que eu bem seja o Teu espelho,
Senhora da minha vida.

MÃE DO CRIADOR

Nasceste Mãe do Senhor,
Antes de nasceres mesmo,
Que não sei o que mais pôr
Neste versejar a esmo.

MÃE DO SALVADOR

Salvou o mundo, salvou,
Teu Filho, Rei do Universo,
Ao Teu lado nada sou,
Que não pecador disperso.

VIRGEM PRUDENTÍSSIMA

A Virgem se fez prudente.
Prudente no tempo-espaço.
E a virtude toda a gente
Percebeu ser dom escasso.

VIRGEM VENERÁVEL

Apesar da juventude,
Tu és venerável Virgem
E Teu canto de alaúde
O peito leva à vertigem.

VIRGEM LOUVÁVEL

Não sei mais como louvar-Te,
Minha Mãe e Mãe do Rei,
Faltando-me engenho e arte,
Sinto o que dizer não sei.

VIRGEM PODEROSA

Teu Poder é meu poder,
Pois sou também um Teu filho.
Eu quero sempre Te ver
P'ra não sair de meu trilho.

VIRGEM CLEMENTE

Ser Virgem e ser Clemente
É transpor mares e terra,
Gerando um tom diferente
Nas almas em que se encerra.

VIRGEM FIEL

Fidelidade ao Senhor
É ganhar Onipotência,
Sentir de Deus o calor,
Vivendo a mesma freqüência.

ESPELHO DA JUSTIÇA

És espelho da justiça.
Em justo caminho reto,
Tua luta, em outra liça,
Traz à Terra mais afeto.

SEDE DE SABEDORIA

Nem no tempo, nem no espaço
Nem na praia em maresia,
Tu restas, no mesmo passo,
Sede de sabedoria.

CAUSA DE NOSSA ALEGRIA

Causa de nossa alegria,
Transpondo montes e sendas,
Tu és a Virgem Maria,
Maior que todas as lendas.

VASO ESPIRITUAL

Do Espírito és Vaso Santo,
Das Verdades Taça augusta,
De quem sofre bom Recanto,
Que ao pecador não assusta.

VASO HONORÍFICO

Depósito das mil graças,
Honrada Mãe do Universo,
Querem-Te todas as raças
E o povo nelas disperso.

VASO INSIGNE DA DEVOÇÃO

És vaso da devoção,
Pelos séculos afora,
O nosso amor nunca é vão,
Nem no tempo se descora.

ROSA MÍSTICA

No dia da Rosa Mística
Faço versos para Ti.
Não há qualquer estatística
De quantos fiz por aí.

TORRE DE DAVI

Da linhagem de Davi
Teu Santo Esposo nasceu.
A Teu Filho e para Ti
Toda a vida ofereceu.

TORRE DE MARFIM

De um Reino que não tem fim,
Cruzando a ponte do Eterno,
Restas, Torre de Marfim,
Contra as porteiras do inferno.

CASA DE OURO

Tiveste da mirra além,
Ouro, incenso e devoção,
Na cidade de Belém,
Logo após a Encarnação.

ARCA DA ALIANÇA

COMO SUARÃO

Teu povo fez um tratado
Com o Deus que Tu geraste,
O porvir vem do passado,
Como a flor que surge em haste.

PORTA DO CÉU

ESTRELA DA MANHÃ

A imensidão celestial
Tem um portão bem preciso,
O mar é feito de sal
E o mundo, de Teu sorriso.

ESTRELA DA MANHÃ

A "grande explosão" é nada
E a tese dos sábios vã,
Tu és pela madrugada,
Nossa Estrela da Manhã.

SAÚDE DOS ENFERMOS

São os enfermos Teu louro,
Tua pá de reconquista,
A Virgem, que se faz ouro,
Por nomes tem uma lista.

REFÚGIO DOS PECADORES

Meu refúgio e o do Universo,
É o da gente pecadora,
Que não sei cantar em verso,
Mesmo que bom vate fora.

CONSOLADORA DOS AFLITOS

Todos nós somos, um dia,
Da aflição um prisioneiro,
Mas és Tu, Virgem Maria,
O consolo, por inteiro.

AUXÍLIO DOS CRISTÃOS

Somos um povo cristão,
Cujo auxílio és Tu, Maria,
Entre o bem e o mal Um vão
Tu alargas, cada dia.

RAINHA DOS ANJOS

Minha Mãe Angelical,
Senhora de meus Senhores
Pelos mares de coral,
No céu, coloras as cores.

RAINHA DOS PATRIARCAS

No dia dos ancestrais,
És Rainha das Rainhas,
Senhora dos senhoriais,
Por onde sempre caminhas.

RAINHA DOS PROFETAS

Comandas os Teus Profetas,
Homens de Deus e da Luz,
Comandas as suas setas,
Que previram Tua Cruz.

RAINHA DOS APÓSTOLOS

Os profetas no passado,
Apóstolos no futuro,
Tens os dois de cada lado,
Marchando em passo seguro.

RAINHA DOS MÁRTIRES

Quanto sangue derramado,
Senhora dos Santos Mortos,
No Teu caminho asfaltado,
Ressuscitaram-se os corpos.

RAINHA DOS CONFESSORES

A confissão Sacramento
Tem a Senhora por perto,
Tu crias um firmamento
De pretérito deserto.

RAINHA DAS VIRGENS

Nenhuma virgem é tão Virgem
Quanto a Rainha das Virgens,
O Teu encanto é vertigem,
Vertigem das mil vertigens.

RAINHA DE TODOS OS SANTOS

És Mãe de todos os Santos,
Senhora da profundez,
Espalhas mares de encantos
Pela eterna natureza.

RAINHA COROADA SEM MÁCULA DO PECADO ORIGINAL

Nasceste sem mancha alguma,
Viveste pura e serena,
És lindo Vaso de espuma,
Senhora de toda a Cena.

RAINHA ELEVADA AO CÉU EM CORPO E ALMA

Elevada foste ao Céu,
Com Teu corpo imaculado,
E o murmúrio de Babel
Restou por Ti olvidado.

RAINHA DO SANTÍSSIMO ROSÁRIO

Mestra do Santo Rosário
Todo o dia eu Te ofereço
Este augusto relicário,
Que no mundo não tem preço.

RAINHA DA FAMÍLIA

A família é o grande foco
Do amor cristão e da vida
Na minha sempre A coloco
Como Rainha querida.

RAINHA DA PAZ

A Tua imagem, Senhora,
Alegre minha alma faz
Eu sou Teu, hora por hora,
Nossa Senhora da Paz.

LIVRO V

OLHAR DO TEMPO

1994

OLHAR DO TEMPO

Olhar do tempo. Como eu sinto a messe,
Safrada da terra, sem semente fora!
Ceifem a messe, que a safra apodrece,
Tempo de sempre, que se faz de agora.
Olhar do tempo. Como eu sinto o rio,
Estrada líquida, sem outra estrada!
Bebam a estrada, que desponta o estio,
Tempo de todos, que se faz de cada.
Olhar do tempo. Como eu sinto o espaço,
Tapete imenso, sem limite ao norte!
Durmam o norte, nordeando o passo,
Tempo de vida que se faz de morte.
Olhar do tempo, como eu sinto a cruz!
Tempo de sombra, que se faz de luz.

TROVAS DA MESMA RIMA

Para Ruth

— I —

Como escrever um poema,
Sem ser para teu encanto,
Poema sem teu encanto
Não será nunca um poema.

— II —

Se eu tivesse o mundo inteiro
E não teu cálido olhar
Para ter o teu olhar
Perderia o mundo inteiro.

— III —

A lua no olhar da noite
E a noite no teu olhar,
Que eu não sei por eu te olhar,
Se a lua quero, se a noite.

— IV —

A lua chinesa é calma,
Como a tua inspiração,
Mas a tua inspiração
Quero mais que a lua calma.

— V —

Não desejo, nos meus versos,
Que teu amor infinito,
Mas teu amor infinito
Eu só tenho, nos meus versos.

— VI —

Versejar a lua morta
É renascer, toda a lua,
Mas eu renasço na lua
Para ver a lua morta.

— VII —

A noite mareja só
Pelo mar da escuridão
Mas eu, pela escuridão,
Marejo, na noite, só.

— VIII —

Se eu fosse rei, no passado,
Eu teria uma princesa
E seria esta princesa
Teu retrato, no passado.

— IX —

Eu sonho a mulher do sonho,
Que só no sonho é mulher,
Eis porque, linda mulher,
Ao ver-te, eu me julgo, em sonho.

— X —

Cortei como um quebra-gelo
Teu coração de iceberg,
Mas o meu, que é de iceberg,
Cortaste, qual quebra-gelo.

— XI —

Teu olhar ganhei de noite,
Porque da noite é sinal,
É pena não ser sinal
Do dia vindo da noite.

— XII —

Um sonho valeu-me a vida
E a tua vida meu sonho,
Que eu não sei, quanto mais sonho,
Que sonho sonho, na vida.

— XIII —

A lua de novo busco
Para findar meu poema,
Pois não conheço um poema
Sem luar. A lua eu busco.

— XIV —

Houve, no mar, uma filha,
Que quis ser filha da lua
E foi, no mundo da lua,
Morrer do mar não mais filha.

DOIS PRELÚDIOS

Para Rutá

— I —

Por que chegaste rio no deserto,
Se eu já tinha água
Para a longa caminhada?

Rio nascido pelo espaço,
Como surgiu a cor de seu reflexo?

Por que partiste rio indefinido,
Se eu lancei a água
Para a longa caminhada?

Rio perdido no segredo,
Como beber a sede do meu peito?

— II —

O mistério do amanhã,
Quem desvendará?

Condenados à morte, todos nós.

É flor
A flor nascida flor,
Pela manhã
E murcha no amanhã?

Condenados à morte, todos nós.

O segredo da flor,
Quem revelará?

ELEGIA DO TEMPO E DA SAUDADE

*"Os espinhos da roseira contavam
histórias medievais
e não faltava ao menino
a nítida imagem do que é uma princesa."*

ALEXANDRE GRAVINAS

*"Ele sabe que rondas indiferente
O muro do seu jardim*

*...
Ele está preso no jardim. Crê no jardim".*

MÁRIO CHAMIE

— I —

Ah! não poder antecipar manhãs,
Circundado pelas noites do impossível...
Erguer as mãos inúteis para o céu,
Em súplica sincera,
E os olhos, para o inferno dirigidos,
Em lagoas de azul desesperado,
No silêncio, navegar...

Ó dunas transatlânticas,
Desérticas,
Que o calor de teu contacto, perdoe-me!

Destino sem destino. Meu destino.

— II —

Mistério do anterior. Pouco mais e nada.
O passado inexistia.
Futuro manchado de desejos,
Colorido de cores irreais.

Presente suspeitante foi a véspera,
Presente suspeitante, mas contente.
Era o sonho do calmo da existência,
Concretizado na falta de tormenta.

(Vivência da vida!
Quanta angústia refletida nas lembranças!
Ó arrependimento, que não cria
O quando iratural das coisas nuas,
Povoadas de mundo diferentes!)

E a marcha, não sentida, desvendava
Jardins adormecidos, sem princesa,
Na fragrância envitativa do repouso,
Para os que tinham sonhos a sonhar.

Era tudo irreal como o futuro,
Que o cerco do deserto circundante
Nunca veio a penetrar.

E, assim, embriagado,
O menino fez-se, ao toque da ambiência,
Poeta e descoberta,
Até que certa vez,
Sorridente, com a lira,
Partiu para o deserto conhecer.

— III —

Nasceu quando o tempo era da lua
E foi aurora sempre.

Imagem feita coração cansado,
Na invasão da filha do deserto.

(Pobre jardim intemporal da ingenuidade,
Fenecido, à distância,
Por onde o teu espectro silente!)

E o menino espantado percebeu
A sensação agonizante do infindável
Prender-lhe a alma sem resguardo

E levarem-lhe do peito a própria imagem,
Era o tempo da lua. A lua grande, no entretanto,
Trazia a lividez materna indissolúvel
Dos momentos da perda irreparável.
Ah! Morte do jardim.

Aurora de fogo surgida em tempo novo.
Dois mares de azul desesperado.
Montanhas sangüíneas entreabertas
A pedirem o sangue das irmãs,
Por que teus vultos pela areia quente?

Tudo longínquo e tudo perto do menino.
E o menino sentindo, então,
A sede da ilusão insaciável.
Ilusão, não mais que isto.

Todo o mal foi o excesso de ilusão
E a pouca realidade das areias quentes,
Areias quentes, onde o menino
Veio a esquecer-se
Que foi poeta no jardim.
E o jardim dos tempos idos
Era mais descoberta que aventura!

Para que a nova descoberta?

Marinheiro sem viagem,
Tragado na viagem da tortura...

Foi aurora quando o tempo era da lua
E o brilho de seu raptó fugaz
Fez o ódio do menino do deserto,
Esquecido o jardim.

— IV —

Ah! não pode antecipar manhãs,
Circundado pelas noites do impossível...

Ó dádivas perdidas no deserto,
Antes mesmo da nascente origem,
Por quê?

Desespero do menino sem destino.

Haverá desespero no fulgor da aurora?
E se houver,
Quem o compreenderá?

MULHERES SIMPLES

Um poema para as mulheres simples.

Nem grande,
Nem pequeno,
Apenas simples.

Um poema de amor que nunca sinto
Se não pelas mulheres sem poema,
Poema das mulheres, cuja vida
Nem a Vida conhece exatamente.

Um poema para as mulheres simples.

POÈME

Si tu pensais comme je pense,
Je n'aurais pas de ces remords,
Je serais maître de mon corps,
Si tu pensais comme je pense.

Si tu pensais comme je pense,
Tu chanterais à pleins poumons,
Et j'entendrais de tes chansons
Si tu pensais comme je pense.

Si tu pensais comme je pense,
On connaîtrait la paix toujours,
Mais jamais il n'y aurait l'AMOUR,
Si tu pensais comme je pense.

POEMA DO SORRISO INEVITÁVEL

Para Rulfi

Vestiu-se o olhar de azul entardecido
E um sorriso sem explicação
Aflorou-lhe a ponta das retinas.

(Eu nunca soube compreender,
O segredo da coisa inevitável,
Mas senti que este sorriso
Era inevitável como a própria vida).

Colorava-se a verdade em cor azul.

O seu olhar deserto
Repousava à distância da conversa
De meu olhar com sua formosura

E mesmo assim sorria,
Inevitavelmente

Era o tempo da vazante.

Nem a maré baixa descortinaria
Repuxos d'água,
Ainda impressentidos,
Dentro dos olhos claros da menina.

A vazante trouxe a calma descansada
E a pouquidão das águas,
Antigamente tão fertilizantes,
Provocava o sorriso inevitável.

Perdida era a estação
Das enchentes, marés altas, poças d'água.

Perdida era a estação.

E lá sorria o seu olhar,
Colorido de tarde pastoreira,
Que algumas nuvens pasce, descuidada.

Mas não tão descuidado.
Apenas,
Inevitavelmente.

POEMA PARA AS MULHERES FEIAS

Eu faço este poema para as mulheres feias.
São elas
Que sabem amar,
Verdadeiramente,
Porque aprenderam a sofrer
A dor de serem feias

Amor,
Sem sofrimento,
É contemplação,
E contemplação
É sossego extasial,
Tão diferente da vida,
Agitação cruel,
Em busca de significação.

Eu faço este poema para as mulheres feias,
Que passam as noites desejando,
Ternurosas,
Não um príncipe encantado,

(Elas nunca acreditaram em príncipes encantados),
Mas um homem simples,
Que seu fruto humano
Queira colher,
À beira do caminho.

Eu faço este poema para as mulheres feias,
Pois seu amor
É um poema da realidade existencial,
Realidade nua das coisas,
Que as mulheres bonitas
Nunca hão de compreender,
Senão no dia em que ficarem feias.

Eu faço este poema para as mulheres feias.

ELEGIA DE VOLTA DO VEIANTE

O sorriso desfez-se em sua face
E uma angústia incontida
Pincelou rugas novas pela frente.

Veza segunda da mesma e surda dor.
O veiante, que seu veio abandonara,
Agora, à sua volta,
Em líquido imatério assentado,
Encontrou a nascente sem nascer.
E na sede bebeu a própria areia,
Onde, outrora, brotara a água da fonte.

Teve, depois, vontade de chorar,
Mas as lágrimas de cactos formadas
Dos olhos não desceram e sim ficaram
Na garganta, sufoques e vazias,
E as lágrimas choraram internamente
Pelo desértico e incorpóreo corpo d'alma.

Faltava o cristalino em sua carne.
Esta carne de céu, que só, nos vates,
Tem o verde azulado do ignoto.
Faltava o cristalino e o pobre vate
As lágrimas de cactos chorava.

Talvez o cristalino lhe trouxesse
Um sorriso, malgrado as rugas novas,
Mas pintor imaturo do existente,
Perdeu-se no incontido,
Perdido o cristalino
E, por isto, chorou esqualitante.

A descoberta assim é sempre espelho,
Cofre da vida, sem segredo dentro,
E o pranto lhe acompanha eternamente,
Eternamente a vida é descoberta.

O veiante compreendeu, portanto,
Com rugas pela fronte desenhadas,
Que a mesma e surda dor era vivência
E chorou, intensamente,
Apenas que, entretanto,
Já morrera o consolo de seu veio.

Eis por que o sorriso desfez-se de seu rosto
E uma angústia nasceu, mal pressentida.

POEMA PARA O MEU CÃO

O meu cão está tão triste.

Tem esta tristeza calada,
Que só os cães podem ter.

Não chora, porque quem chora
Não vive a própria tristeza
E nem, de fato, está triste.

O meu fiel está triste
E não deplora a tristeza.

Sofrer d'alma bem que sente,
Mas sabe que, pela vida,
É necessário sofrer.

Por isto não late o cão.

Os olhos parados fitam
O infinito, que se esconde
De trás de um muro caiado.

Olha o muro sem paisagem
E vê no muro de cal,
Refletida a sem paisagem
De sua alma diferente.

Por isto está triste o cão.

Não sei se por algo mais.
Sei apenas que está triste
E sua tristeza muda
Sinto tristeza, de fato.

E sinto,
Esquisitamente,
Que triste
Só mesmo um cão pode ser.

O meu cão está tão triste.

O CARLOS

Para Dalmo Florence

"Maneco não era o tipo
Que se pode imaginar,
Pintou a lua de verde,
Depois não sabia amar".

D.F.

O POETA

O Carlos foi um dos tipos,
Que o Maneco conheceu,
Vivia a vida sonhando,
Num sonho que não viveu.
A buscar nasceu, na vida,
O que nasceu p'ra buscar
E por mais que ele buscasse,
Não soube a busca encontrar.
Quando menino fizeram
Esquecer seus ideais,
Porém apesar de dócil,
Esquecer era demais.
O Carlos teve ideais,
Que nunca soube esconder,
Passou a vida sonhando,

Na vida, p'ra não morrer.
O Carlos quis ser poeta,
Pois poeta houve nascido,
Tinha a cabeça inocente
E esperança com sentido.
Fez mil poemas sinceros
E riram do que escreveu
E, de tristeza, por causa
O Carlos quase morreu.
O Carlos foi só poeta,
Quando os poemas viveu,
Cantou na vida a pureza
Do que nunca aconteceu.
Quando o tempo era da lua,
O Carlos beijava o céu,
Cobria após o seu beijo
Na cor de nublado véu.
Quando o tempo era da lua,
Vivia o Carlos sonhando
E o tempo da lua grande
Era aurora deslumbrando.
No tempo da lua grande,
Como poeta era tido
E o Carlos fazia versos,
Pois poeta houve nascido.
O Carlos foi um dos tipos
Que o Maneco conheceu,
Vivia a vida sonhando,
Num sonho que não viveu.

O VIAJANTE

O Carlos quis ser, um dia,
Feliz como os mais felizes
E resolveu, como os outros,
Conhecer outros países.
Decidiu ser viajante,
Correr mundo e imaginar,
Por isso o Carlos, sozinho,
Cruzou, uma vez, o mar.
D'outro lado do oceano
O Carlos viu tudo igual
E sentiu-se solitário
E a saudade fez-lhe mal.
D'outro lado do oceano
O Carlos quis retornar
Era poeta demais
E estava para chorar.
Mas ficou, pois qu'era homem,
E cria poder lutar
O Carlos lutou na vida,
Como não soube contar.
Quis ser honesto e leal,
No trabalho que buscou,
Houve-lhe tanta tristeza,
Que, de vergonha, calou.
O Carlos quis ser bondoso,
No mundo que conhecia,
Foi enganado e tristonho
Não fez bem o que queria.
Quis ser sincero e bondoso
E, algumas vezes, fez mal

E o Carlos era sincero
Com o mundo, por igual.
Chorou do mal que fizera,
Mas não o soube curar,
Decidiu vencido, então,
A sua terra voltar,
O Carlos, que quis, um dia,
Ser feliz como os felizes
E resolveu, como os outros,
Conhecer outros países.

A BUSCA

O Carlos não soube amar,
Como o Maneco fizera,
Mas sonhou, mesmo no inverno,
Amores de primavera.
Das mulheres conheceu
Mil renascentes desejos
E perdeu-se alguma vez,
Na ilusão de muitos beijos.
Por ser tímido e poeta,
Nunca soube o que dizer,
Quando a ilusão renascia
E vinha depois morrer.
Por ser tímido e poeta,
Pensou amar muita vez
E sofreu no fim de cada
A dor do mal, que não fez.
Por ser tímido e poeta,
Quanto sonho foi talvez!

A vida passou amando
E nunca amou uma vez.
Até um dia, quis ser
Qual todos conquistador,
Porém, tímido e poeta,
Não soube escolher amor.
Depois, acanhado, foi
Apenas acolhedor,
O Carlos não soube amar
E amar transformou-se em dor.
Então, no tempo, da lua,
O Carlos beijava o céu,
Buscando esconder a vida
No amor de nublado véu.
Um dia, porém, o Carlos
Sentiu amor de verdade
E entregou-se, mas ingênuo,
Perdeu-se na própria idade.
O Carlos chorou perdido
E não chorou por chorar,
Pois poeta e sonhador
Tinha vergonha de amar,
Tinha vergonha de tudo,
Por isto pôs-se a chorar
Como a lua chora estrelas,
Quando é noite de luar.
E não teve nunca mais
Coragem de conquistar,
Sonhava a mulher perfeita,
Mas nunca a sabia achar,
Fosse na terra, que tinha,
Fosse mesmo além do mar,

E foi vivendo mil sonhos,
Mil sonhos por desvendar
E foi buscando, na vida,
O que nasceu p'ra buscar
E por mais que ele buscasse
Não soube a busca encontrar.
O Carlos foi um dos tipos,
Que o Maneco conheceu.
Viveu a vida sonhando,
Num sonho que não viveu.
O Carlos não soube amar,
Como o Maneco fizera,
Mas sonhou, mesmo no inverno,
Amores de primavera.

MEU VERSO

*Para Geraldo Vidigal, autor de
"Meu verso é a voz que me resta"*

Teu sonho, uma vez mais, desfaz-se ao vento,
À luz do som profundo em puro olfato,
Nas cores sem sentido e ao passo lento,
Que esculpem, pela vida, um insensato.

De gritar quero o verso que me prende
Ao passado e ao presente sem futuro,
Mas a garganta esquelética se rende
À voz que se contorce em mal sussurro.

O tom, quanto busquei o tempo inteiro!
E quanto a busca inútil foi cruel!
Sem trilha, sem sextante e sem roteiro,
O peito fraco ardeu em fogaréu.

Procuro, sem cessar, meu pobre verso,
Que vale para mim mais que o Universo.

ELEGIA APÓS DRUMOND

Para Ruth

*"Deus me deu um amor
No tempo da madureza"*

DRUMOND DE ANDRADE

— I —

Recebi um amor de aniversário,
Quando o inverno começava,
E, apesar da estação,
Renasceram impressões primaveris.

— II —

Recebi um amor,
Quando pensava
Outro amor eu sentisse,
Mas os anos se ressurgem com os anos
E amores por amores são creados.

— III —

Recebi um amor,
Prêmio atrasado
De quem prêmio não buscou
E mau aluno da vida, como sou,
Das lições aprendidas me esqueci
E me esqueci
Alegre, uma vez mais.

— IV —

E agora, ingenuamente,
Recebido este amor,
O passado debruçado no presente
E as velhas sensações fazendo novas,
Sou grato a tudo.

— V —

Sou grato ao mundo,
Que nele permitiu,
Outro amor eu vivesse.
Sou grato àquela,
Que, no tempo, conseguiu
Que o tempo com o tempo eu retomasse
E a Deus, de quem, por fim,
Recebi um amor de aniversário
Quando o inverno começava.

O POEMA DE SEMPRE

Para Ruth

O meu poema de sempre,
Imaturo e romântico.
Limitado no tempo, busco o espaço,
A cada passo,
A cada instante, a cada instante.

O vento e a chuva pelo asfalto
Dão um salto,
Muito alto,
No meu poema de sempre.

Intimidado,
Vivo à procura do estado
Do meu canto sem suporte
Amuletado,
Embalsamado
E desvairado.

O meu poema de sempre,
Muito antes de ser sempre,
O meu poema de sempre
Nada encontra pela frente.

Tudo corre, tudo passa,
A lente embaça, descrente,
O retrato de teu ventre,
Desde o tempo, desde a raça
Do meu poema de sempre.

Contornas as formas rudes
Do nada,
Dos cavaleiros,
Cavalgando a cavalgada,
A cavalgada sem normas.

O meu poema de sempre,
Sem começo,
Sem tropeço,
Sem seu preço,
Sem imposto,
Livre e posto
No teu rosto,
O meu poema de sempre.

O teu rosto,
Há quantos anos teu rosto,
Há quantos anos te busco,
Pálida, trêmula, em susto,
No susto dos interiores.
Calmamente, sereno e tranqüilo,

Ao teu lado sempre, sempre,
Tal meu poema de sempre,
Na festa dos exteriores.

Eu te amo,
Desde sempre,
Para sempre,
Agora e sempre.

O meu poema de sempre.

REDONDILHAS CAMONIANAS

Para Ruth

I. DESCALÇA

"Descalça vai pela neve;
Assim faz quem Amor serve."

CAMÕES

O calor do peito amante
Faz do corpo uma só brasa,
Que não há quem o levante
Se não for reposto em asa.
O calor aos pés gelados
Dá mais força que outra força
Tornando a linda dos prados
Mais veloz que a veloz corça,
Mesmo se vai pela neve,
Descalça, ao senhor que serve.

II. MINH'ALMA

*"A dor que a minh'alma sente
Não na saiba toda a gente."*

CAMÕES

Quis guardá-la no meu peito,
A dor que minh'alma sente,
Mas não houve um outro jeito
De fazê-lo a toda a gente.
Esta dor, por tanto amar-te,
Não sabendo se era amado,
Mudou o sorriso em arte
De fazer-me ignorado.
E fiquei com toda a gente,
Só de ti fiquei ausente.

Esta dor que n'alma sinto
Nunca, amada, entenderás
Minto a todos e a ti minto
Se de amor me digo em paz.
Não sei como é que resisto
Nem sei por onde vou pô-lo,
Quando de um suspiro visto
Meu tamanho desconsolo.
A dor que minh'alma sente
Não na saiba toda a gente.

Nem na saiba quem presente
Deste amor se diz ausente...

III. OLHOS TRISTES

*"Criança dos olhos tristes,
Vi os teus... os meus não vistes."*

CAMÕES

As meninas sossegadas
Dos teus olhos estão tristes.
Não são mais as mesmas fadas
Sorridentes e achegadas
Aos sonhos, que tu sentistes.
São, agora, entristecidas
Como a tristeza das mãos,
Que nos encontros das vidas
Ficaram desaquecidas
Ao som dos desejos vãos.

E estão tristonhas agora
Qual tão tristonhas não vistes.
Mas os meus olhos, senhora,
Que os teus vêem a toda hora,
São menos teus que são tristes.
E são teus sem que pressintas
Quão teus são os olhos meus.
Têm a cor das tuas tintas,
Com as quais teus olhos pintas
Em chorosos camafeus.

Mas tu tens os olhos tristes,
Como vês que os teus eu vi,
Os meus que nunca tu vistes,
Vêem mais que não sentistes

Em outros olhos por ti.
Eis porque viram meninas,
Criança dos olhos tristes,
Nos teus rondando as esquinas
Dos sonhos e das boninas...
Bem que os vi... que os meus não vistes...

MEIA NOITE E MEIA LUA

Para Ruth

Meia noite e meia lua.

No teu rosto a meia lua,
Ao lado da noite meia.
Longe estava a lua cheia.
Nenhuma sombra, na rua.

Bem te via,
Como viste.

Dois amantes contemplavam
O mesmo noturno triste.

Teu rosto, em parte, nas trevas
Em parte, na luz, teu rosto.
Sidério toque interposto
Momento da imagem nua.

Meia noite e meia lua.

SONETO DO TEMPO INÚTIL

Meu tempo corrigido faz-me mudo,
Serenamente inútil, finda a festa.
Caminho sem espada, sem escudo
Tragando, velozmente, o que me resta.

Meu tempo distendido descortina
Meu fracasso regado em fantasia.
Quantos anos perdidos na neblina
De um passado que a vida não recria!

Meu tempo — já tão longo — desmerece
Os desvios de rota e de roteiro,
Muito embora despenque numa prece
O sonho que reponho por inteiro.

Meu tempo nasce agora sem espaço,
Enquanto me descubro a cada passo.

DUAS ELEGIAS

1. ELEGIA DA PONTE DESCOBERTA

— I —

Sobre a ponte do meu ao teu retrato
O silêncio cantava silencioso

Ponte nascida, de repente,
Descortinando espantos e desejos.

Eram duas montanhas existentes,
Sem saberem das fontes.
E as fontes eram lá.
As fontes gemas sombras, entretanto,
Não compreendiam
Os reflexos celestes das irmãs.
Mas as fontes já se amavam.

Ó desconhecimento gerador,
Quanta vaga descoberta na suspeita
Da tua própria origem!

A criação instântica vivida
Mostra, sempre, mais vivência rediviva,
Que uma existência inteira de miragens.
As fontes brotaram para o amor
E as fontes amam fontes desiguais.
Eis por que
As fontes eram lá,
Sem saberem das fontes.
E as fontes já se amavam.

— II —

Para que este canto alumbramento,
Frágil, que era a ponte,
Onde se cruzavam, impetuosas,
As águas refletoras do sem nuvem
Com as filhas criadas pela noite?

Para quê?

O inesperado foi o quase-nada
E o quase-nada fez a ponte.
Como manter, porém, a suspensão
Se as águas celestiais de uma montanha
Eram o oásis no deserto de outras águas
E se as águas enturvadas renasciam,
Mais escuras, em águas cor de musgos?

Ponte lançada do meu ao teu retrato,
Onde o silêncio cantava o seu espanto
Aflorando anseios e desejos.

Sonho em outro mundo,
Mesmo que este mundo refluente,
Efêmero, no êxtase,
Ao mundo primitivo retornasse.

E as fontes, por se amarem,
Esqueceram-se
Que as fontes são prelúdios.

— III —

Novamente, paisagens conhecidas
Estenderam-se ao largo do noturno,
Partida a ponte.

As lendas dos momentos descobertas,
Buscaram, após, refúgio
No fundo das retinas silenciosas
E o silêncio deixou de ser canção.

Novamente florestas desvendadas
Cercaram, em seu negror, fontes de anseio
E imensos lodaçais trouxeram águas.

Mas os contos das crianças, que acreditam,
Apesar de antigas terras,
Não morreram no seu recanto longe,
Para sempre,
Desfeita a ponte surto, que os fizera.

2. ELEGIA DO VEIANTE

E o silêncio nasceu nas suas veias.
Um silêncio espectral,
Que a própria vida transcendia,
Dentro da própria vida.
As veias foram feitas para um borbulhar contínuo
E o silêncio lhes faz mal,
Mas o silêncio nascera e quanto almejo
Não se paralisou à sua descoberta.

Florestas, nada mais. Florestas sempre iguais,
Desvendadas, inertes e sarcásticas.
As florestas foram lá desde a nascente origem
E, estáticas, sorriram,
Num sorriso amargo e indiferente
Da ilusão de serem conquistadas.
Como sorriem punhalativamente mil silêncios!
Silêncios de florestas...

Mas o silêncio brotara em suas veias,
Imitando estrelas pontos pela Noite.
E o veiante, ingênuo, se dizia:
"É dia suspeitante e o amor noturna.
Imagens esboroçam-se, inda turvas,
Num ritmo sentido em notas curvas,
Qu'indolência o canto e a alma soturna".

Pobre veiante.
De jardins pretéritos chineses,
Com lagos e com árvores chorantes!
Pobre veiante,

Que não viu
As florestas do tempo semelhantes
Surtirem beijo infernal
E, mesmo assim, avaro beijo.
Quão diferente daquele que sonhou!
Beijo lunar de branca sonolência.
Pobre veiante...

O silêncio, todavia,
Descobrira sangue em suas veias
E corria, agora,
Senhor de escravos rios.
E o silêncio refletiu-lhe, então,
Florestas silenciosas, por outros descobertas,
E os seus beijos de fogo adistanciados,

Distante o amor enoturnado, que almejava,
Na serenidade miragiosa desvendante
De mundos com jardins e rosas calmas.
E o veiante não soube compreender,
Pasmadamente imóvel, sem canto a respirar,
O espelho à sua frente.
E chorou,
Mas chorou inutilmente,
Pois que o silêncio nascera em suas veias.

ERAM TRÊS MARIAS-LUAS

Em memória de Dalmo Florence

Conheci de tantas luas,
Apenas luas-Marias,
Não eram duas Marias,
Eram três Marias-Luas.

Conheci de tantas luas
Três luas e três Marias,
Nasceram luas-Marias,
Nasceram Marias-Luas.

Conheci de tantas luas
Uma lua e três Marias
E a primeira das Marias
Era da cor de três luas.

Conheci de tantas luas
Três luas, duas Marias
E a segunda das Marias
Tinha, no mundo, três Luas.

Conheci de tantas luas
Duas luas sem Marias
E a última das Marias
Era a Maria Três-Luas.

Maria das nove luas.
Cor da lua era a primeira,
A terceira a lua inteira
Mas aquela das três luas,
Era a Maria da Lua,
Que, segundo por segundo,
Vivia o mundo da lua
E se dava a todo mundo,
Que, no mundo, era da lua.

Conheci de tantas luas,
Apenas, luas Marias,
Não eram duas Marias
Eram três Marias Luas.

EU TE AMO

Para Ruth

Eu te amo, eu te amo, eu te amo, amada minha,
Mulher dos meus desejos e meus sonhos,
Que descortina a aurora onde caminha,
E faz sorrirem meus olhos tristonhos.

Teu nome descompassa a minha vida,
Que segue a melodia de teu canto
Afugentando mágoas e a ferida,
Que despontara à margem de meu pranto.

Tu rompes as fronteiras que, no espaço,
Abriste como abri, sem muita calma,
E marchas, em silêncio, a cada passo
No tapete estendido por minh'alma.

Não sei por que te digo o que te digo,
Se continuas sempre aqui comigo.

LIVRO VI

DOIS POEMAS

1994

O LIVRO DE RUTH

CAPÍTULO I

ELIMELECH EM MOAB

I

Outrora, quando um juiz — e o tempo era de juízes —
Governo ministrava, o mundo viu-se em fome
E um homem de Belém, da tribo de Judá,
Saiu peregrinando em terras de Moab
Com sua bem-amada e os dois filhos dos dois.

2

Por nome, possuía o nome Elimelech
E aquele da mulher, por nome Noemi,
E os dois filhos dos dois, os filhos se chamavam,
Mahalon o primeiro e o outro Quelion,
E, sendo por Efrata e sendo de Belém,
Os dois eram, também, da tribo de Judá.
E entrados no país, moraram por ali.

3

E Elimelech um dia, esposo a Noemi,
Morreu e ficou ela e os dois filhos dos dois,

4

Que casaram, após, com mulheres de lá,
Orfa de nome a prima e a próxima de Ruth,
E todos lustros dois viveram por ali.

5

Mas ambos, a saber, morreram por ali,
Mahalon o primeiro e o outro Quelion,
E sem filhos ficou a mulher sem esposo.

6

E resolveu tornar à antiga pátria sua,
Levando do país as suas duas noras,
Porque ouvira falar que seu povo o Senhor
Olhado tinha e dado em que se sustentar.

NOEMI FALA ÀS SUAS NORAS

7

Saiu, pois, do lugar da peregrinação,
Levando do país as suas duas noras,
E, estando no caminho à terra de Judá,

8

Destarte lhes falou: "À casa ide de volta
E para vossas mães: convosco use o Senhor
Misericórdia bem, já como, outrora, usaste,
Com os que mortos são e com a que vos fala.

9

E faça Ele encontrar a vós vosso descanso
Na posse dos varões, com quem vós vos casardes".
Depois as osculou, mas elas, em voz alta,
Começaram ali seu pranto a derramar,

10

E a dizer: "Nós, contigo, o teu povo honraremos".

11

E assim lhes respondeu: "Voltai, filhas queridas,
Por que buscais vós vir com quem assim vos fala?
Eu tenho, porventura, alguns filhos no ventre
A fim de que de mim maridos espereis?"

12

Filhas minhas, voltai, que curvo de velhice,
Acabada e incapaz de tornar-me a casar.
E se inda concebesse, em esta mesma noite,
E filhos para o mundo eu, inda, são, parisse.

13

Em querendo esperar que meus filhos crescessem
E chegassem, viris, à própria puberdade,
Primeiro vos faríeis velhas que casásseis.
Queridas filhas, não, jamais quereis tal coisa,
Porque vossa aflição à minha se acrescenta
E a mão de Meu Senhor em mim descarregou”.

14

Elas de novo, levantando a voz tristonha,
Começaram, ali, seu pranto a derramar.
A sogra Orfa beijou e foi-se, porém Ruth
A sogra acompanhou de volta à pátria antiga.

15

E disse Noemi: "Para seu povo e deuses
Eis que se foi tua cunhada. Vai com ela".

16

A qual lhe respondeu: "Não sejas contra mim,
Fazendo-me deixar-te e só de cá partir.
Pois onde quer que fores eu te seguirei,
Pois onde tu ficares eu lá ficarei.
O teu povo será para sempre o meu povo

E o teu Deus o meu Deus.

A terra em que morreres,

Eu, nessa morrerrei e lá terei meu túmulo.

Tal me faça o Senhor, e faça-me inda mais

Se outra coisa que a morte a mim de ti separe”.

Vendo, pois, Noemi que Ruth inda insistia,
E, assim tão firmemente, em querer ir com ela,
Não quis contradizê-la e nem lhe persuadir
Para que aos seus voltasse.

E juntas caminharam

Até verem Belém. Na qual cidade tanto
Que lá chegaram logo a nova percorreu
E em toda a vizinhança as mulheres diziam:
"É esta aquela Noemi".

As quais a vinda

Destarte respondeu: "Não me chameis, mulheres,
De Noemi isto é formosa, mas chamai-me
De Mara, ou, amargosa, após que Meu Senhor
Encheu-me de amargura extrema.

Eu saí cheia

E o Todo-Poderoso a mim me fez vazia,
Por que me chamais logo assim de Noemi,
A quem Nosso Senhor, na vida rebaixou
E o Todo-Poderoso afligiu para sempre?"

22

Veio, pois, Noemi com Ruth moabita
Sua nora da terra, em que peregrinou,
E assim para Belém, tristonha, retornou.
Quando as cevadas começaram-se a segar.

O MENINO E A DESCOBERTA

Para Ruth

I

O menino descobriu anteriormente
A descoberta infantil,
Com sorrisos de flores e de espaços
E silêncios de sapos noturnais.
Mas guardou para si a descoberta...

2

O jardim.
Quanto símbolo não diz o seu poema!
Anteriormente meu destino foi jardim.
Até que um dia,
Descobri a descoberta.

3

Não mais quero ver o mar.
Maresiei-me posto antes do sol,
Contemplando silente a paisagem,
Que se punha detrás da paisagem.
Desvendei a primeira, que, escondida,
Os outros não supunham na segunda.
Assim,
Não preciso mais do mar.

4

Na seqüência do sonho e da lagoa
Existe um panorama indescoberto.
Que naufraguei sozinho...
O peixe pescareado é alimento
Apenas da seqüência...
Eis por que quero o sonho na lagoa.

5

Não sei, retaguarda de floresta,
Desganhada nas sombras das idéias,
Que silêncio persiste no teu canto...

6

E, um dia, após o dia,
O menino reviu-se em plena infância,
O deserto inexistia,
Mas havia o jardim.
E o menino tomou-se de alegria...

7

Descoberta.
Nem a noite e nem o dia,
Nem o tempo estatizado,
Podem bem te conhecer.
Apenas o menino.

8

A lua tem o salmo de David.
Salmodia. Salmódia ou Salmo e dia.
Pouco importa ao menino
Já que a lua
Tem o salmo de David.

9

Pela ponte que une a sua infância,
Desvendou o menino o mar debaixo.
As pontes só costumam unir os rios,
Mas a ponte do menino
Cobre mares.
Pela ponte que une a sua infância,
Desvendou o menino o mar debaixo.

10

A árvore dos séculos,
No instante em que viu a eternidade,
Transformou-se em momento,
Apenasmente.

11

Nos mistérios góticos da noite,
Partiu a nave espacial,
Que o menino, em seu leito, construíra.
Atingiu na distância o ponto-meta,
Mas, no tempo,
Esqueceu-se do tempo de voltar.
E ficou o menino no seu leito,
Interpretando
Os mistérios góticos da noite.

12

Tudo antes foi prelúdio
Da lenda do menino,
Que foi príncipe,
Da lenda descoberta.
O menino sonhara ser menino,
Mas príncipe esqueceu-se de seu sonho
E esquecido ficou
Apenas príncipe.

13

Um dia, o menino entrou no Reino,
Sem desejos de reinado.
O Rei, acostumado a muitos reinos,
Nem notou que o menino lá chegando
Estava destinado a ser seu príncipe.
E deixou que o menino lá chegando
Súdito fosse e plebeu fosse
E tão-somente.

14

O menino buscou, na vez primeira,
Alguém que fosse igual a seu jardim.
Não viu.

Pois que jardins pelas cidades
Inexistem de sempre para sempre.
Ficou atabernado e sem jardim
O menino que entrara na cidade.

15

O tempo do menino na cidade
Correu celeremente.
O menino não chegara a compreender
O mistério da cidade
E não chegava a esquecer
O mistério desvendado do jardim.
O Rei e seu reinado
Eram mistérios maiores
Que a cidade.

16

Os dois olhos cansados o fitaram,
Naquela noite marcada.
Os olhos repetiam o que sabiam,
Monótonos, monótonos, monótonos.
O menino, todavia, nunca vira
Estes dois olhos casados
E julgou ser inédita a mensagem.
Um corpo branco e seios bem vividos
Foram seqüência e iniciação
Naquela noite marcada.

Depois...

A vontade de corpos mais que de olhos.

Depois...

A vontade dos corpos e dos olhos.

Depois...

A vontade dos olhos e dos corpos.

18

E o menino fazia a iniciação
Nos mistérios citadinos
E esquecida, ao som da descoberta,
Que um dia fora seu
O mistério ajardinado.
Jardineiro do tempo, que se perde,
No silêncio da tumba, que se encontra.

19

Desde os olhos passados,
Que os corpos monótonos seguiram
A história da exaustão.
O menino plebeu
Descortinava alcovas e segredos,
Mas não via
Os mistérios do Rei e de Seu Reino,
Esquecido o jardim.

20

Eram dois olhos de musgo,
Absorventes como os pantanais
E calmos como os lagos no verão.
No dia, em que o olharam,
O menino sentiu que, um dia,
Príncipe,
No Reino de seu Rei,
Viria a ser.

21

Buscou nos estertores pantanosos
Dos olhos o menino a solução.
Buscou formosos olhos,
Muitos olhos,
Coloridos das cores que colorem.
Olhos azuis,
Olhos verdes,
Verdes-azuis, castanhas, violetas,
Mas os olhos dos musgos lá ficaram
Fitando-o calmamente e o prendendo,
Para o Reino e seu reinado.

Eis que, um dia, o menino decidiu
Lutar para ser príncipe,
Pois que os olhos
À princesa da vida pertenciam.
E amou sua princesa,
Ardentemente,
Como outrora amara o seu jardim.

E aconteceu, um dia,
Que o menino,
Na menina,
O reino desvendou.
Príncipe e princesa
A verdade da história
Descobriram.

24

O príncipe e a princesa,
Com o tempo,
Na lagoa da vida
Seis pontes
Construíram dos tempos do presente
Aos tempos do futuro.

25

Compreendeu o menino,
Agora, príncipe,
Que a esperança dos sonhos e lagoas,
Dos sapos noturnais, pontes e mares,
Que cabem nos limites do jardim,
Não entram na cidade.
E o príncipe, se é príncipe,
Menino,
No tempo, há de deixar de ser,
A tempo.

26

E os poemas do fim
São descoberta
Daquilo que a verdade não descobre
Porque tem...

Os poemas do fim,
Últimas fontes,
Nas planícies arábicas, desertas,
Que o sol consome
Nas imagens do menino moribundo.

O tempo fica mudo

O noturno

É a polonaise da alvorada.

E a alvorada

O espaço feito eterno.

Caminhei pela ponte desta lenda,
Encontrando debaixo a descoberta.
Caminhei, felizmente,
E a caminhada
Mostrou-me que esta ponte
É fim de ponte.

30

Eis por que não desvendo o panorama
Que fica atrás deste outro panorama.
Compreendo a descoberta do passado,
Descubro a descoberta do presente,
Mas resto imóvel,
Imaginando a futura descoberta.

31

Na janela do tempo,
Sem cortina,
Chega perto
O crepúsculo da lenda.

O
prelúdio foi lenda
e
fez-se fuga.

LIVRO VII

INTEMPORAL ESPAÇO

1995

TEUS OLHOS*

Teus olhos são imensos lodaçais
No fundo dos grandes lagos,
São os musgos seculares
Dos troncos parasitados.

E o canto enferrujado
Das ferrugens de portões,
No silêncio dos jardins,
Bóia, mudo, por teus olhos.

Imensos lodaçais estagnados,
Passados, repassados, trespassados,
Os séculos dos lagos,
Lagos grandes,
Ouvindo a eternidade,
Estagnados.

* Publicado na coletânea *50 Poetas do Clube de Poesia* (Clube de Poesia/Unibanco, 1995), edição comemorativa dos cinquenta anos da Geração de 45.

Os musgos seculares remontando
Enormes árvores, que o tempo encurva.
Os musgos se infiltrando,
Varando e revarando
Os troncos engrossados,
Pelas árvores.

E os teus olhos,
Cor de musgos,
Cor de imensos lodaçais,
Estagnando o lago dos meus olhos,
Parasitando o tronco de meu corpo,
Cantam o canto enferrujado
Das ferrugens dos portões.

Eis minha canção de sempre,
A canção verde marrom
Da conquista e da indolência,
Cujo som soa silente,
Por teus olhos, cor de musgos,
Cor de imensos lodaçais,

Onde, adormecidas, bóiam
As ferrugens dos portões.

27/07/55

TU

Tu és aquela que não fica triste,
A sinaleira dos caminhos retos,
De olhos serenos, como os astros quietos,
No claro rumo que, sonhando, abriste.

Tu és aquela que, em silêncio, viste
Os bons costumes serem, por discretos,
Em fel tismados — males indiretos —
De alma tranqüila como não existe.

Tu és aquela que jamais se importa,
Quando enganada a luz de Deus te assiste.
Teu coração, meigo jardim de afetos,

Sendo da vida uma risonha porta,
Te faz aquela que não fica triste
A sinaleira dos caminhos retos.

01/07/68

POEMA LOUCO

Para Mário Chamie

O tempo se desfaz,
Serena lesma
Em paz.
A vida mesma
Corre em gás e torna esma
A incapaz
Num ás de más.

Sou eu que me descubro
Rubro e louco
Como há pouco inteiro cubro
Distante e rouco
O mês de outubro.

Um gás sem mas
A paz sem ás
Um cubro rubro
Descubro outubro
Em louco pouco.

A paz de lesma,
A vida mesma,
Outubro pouco
E um rubro louco.

01/01/94

CAMINHADA INCERTA

O sentido da luz descobre o espaço
E a solidão do céu fere o infinito.
Há sombras pelo eterno em cada passo
Que cria no Universo o próprio rito.

Por mais veloz que seja, é sempre lasso.
O movimento etéreo deste mito.
Expandem-se no cosmos, sem inchaço,
O limite do tempo não descrito.

A terra mal desvenda a própria idade
E a vida, que hospedada na distância,
Se perde pelas brumas recoberta.

O mistério solver não há quem há de
Só Deus, a quem pertine, última instância,
Julgar a caminhada mais que incerta.

10/01/94

O VELHO

O velho encontra a forma.
A reforma informa o velho.
Espelho este retrato num só ato.
Mal sensato
O próprio fato
Que ora espelho.
O Eu do Espaço. Sempre lasso. Mal escasso.
Desfeito o passo,
Que repasso, no mormaço
Feito d'ação.
O Eu pequeno.
Destempo ameno. Sem sereno a noite.
Não descobre o Reino-reno,
Outrora mundo do eu pequeno.
O velho é velho. Ou quase velho.
Assim espelho o velho velho.

13/01/94

O TRINAR DAS RIMAS

Teu encanto faz meu canto,
No recanto, que acalanto,
Sem espanto e sem ser santo,
Que no entanto tem seu tanto.

Teu olhar de Trafalgar,
No piscar para afagar
E afogar a lua par,
Gera o lar do mar âmbar.

Teu antiste muito triste,
Mas resiste o que me assiste,
Dedo em riste, que não viste.
Repetiste o som de Liszt.

Teu amor nasceu com dor
E incolor no seu ardor.

01/03/94

À FALTA DE SINO

Nesta Sexta-feira Santa,
Meu coração vive a cruz,
Coberto na triste manta,
Que de propósito pus.

A verdade não espanta,
O sonho que me conduz,
Canta a vida, canta, canta,
Numa explosão só de luz.

Nesta Santa Sexta-feira,
Descubro mais uma vez,
O Senhor de meu destino.

E minh'alma sempre à beira
Faz o mesmo que já fez,
E reza à falta de sino.

01/04/94

DOMINGO

Fim de domingo.

A noite espanca o calor

E sobrevive

Até o dia seguinte.

O silêncio desfaz buzinas

E barulhos da cidade,

Mas não o ruído interno

Que corrói

Os peitos dilacerados

Dos que vagueiam na noite.

Tudo insone,

O telefone

Queda silente.

— Há muito tempo que eu o quero
inútil —.

Quero sonhar,

Quando dormir,

E repousar a noite inteira

Para o amanhã.

Pois na segunda

Recomeço

A eterna luta.

22/01/95

SÃO PAULO SOB CHUVA

O panorama cinza da janela
Ostenta gotas límpidas de chuva,
Em face à luz translúcida, amarela,
Que calça minha sala como luva.

Um bíblico dilúvio, todo o mês,
Alaga esta cidade de Babel.
O Sol, atimidado, vez por vez,
Projeta seu calor atrás do céu.

Protejo-me na música e leitura
Da fera natureza, em minha casa.
A lira corre sempre mais escura
E a inspiração se perde, sem ter asa.

Há quanto tempo não vislumbro clara
A tarde, imersa em líquida seara.

19/02/95

NOITE

No silêncio da noite e da distância,
Revejo, lasso, as cenas do passado,
Que recomponho, instância por instância,
Até formar o círculo quadrado.

O contraste que o tempo redescobre
Desfaz o sonho cáldo d'antanho,
Redesenhando em seu perfil mais nobre,
Destaque entre as ovelhas do rebanho.

Repensar de que vale? Nada valho,
Nada sou, nada quero, nada posso.
O próprio verso que, no tempo, espalho
Não sei se continua sempre nosso.

O começo do fim que principia,
Na busca de um eterno novo dia.

07/03/95

O CANSAÇO DO TEMPO

O cansaço do tempo já desfeito,
Transparece nas páginas d'antanho,
Um cansaço explosivo no seu leito,
Que do tempo distende seu tamanho.

A pétrea descoberta nada acresce,
Imutável caminho pelo espaço,
Girando sementeiras sem ter messe,
Num cântico atonal, embora escasso.

A estrada sempre morre na estalagem,
Serena, mesmo intensa a tempestade,
Há muito que não sopra mais aragem
Que o verso descobrir não sei quem há de.

O cansaço do tempo faz-se imenso
Que não sei mais pensar no que já penso.

07/05/95

CAVALOS

"Cavalos já foram pombos"

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Cavalos cavalgam nuvens,
Cavalgam nuvens d'antanho,
Nuvens d'antanho despertam
Cavalgadas sem tamanho.

Cavalos cavalgam sombras,
Cavalgam sombras sem fim,
Sombras sem fim descortinam
Cavaleiros no jardim.

Cavalos cavalgam mares,
Cavalgam mares redondos,
Mares redondos desvendam
Cavalos que foram pombos.

Cavalos cavalgam campos.
Cavalgam campos e montes.
Campos e montes despençam,
Cavalos cavalgam fontes.

Cavalos cavalgam tempos,
Cavalgam tempos de fada,
Tempos de fada descobrem
Cavalos na madrugada,

Cavalos cavalgam noites,
Cavalgam noites de espaço,
Noites de espaço despontam
Cavalos mordendo o passo.

Cavalos cavalgam sempre,
Cavalgam sempre seu rito,
Gerando, seus cavaleiros,
Cavalgadas no infinito.

04/06/95

REI

Nasci rei de um reinado sem rei,
Num castelo sem cor e sem ponte,
Meus comandos nos quadros da lei
Mergulharam na cálida fonte.

Meus soldados de escudo no braço,
Nunca espada tiveram na mão,
Os tambores batidos no espaço
Percutiram lembranças em vão.

A princesa do rei tão silente
No castelo vivia sem dor,
Mas o reino do rei diferente
Tinha a cor do castelo sem cor.

Nasci rei de um reinado sem rei,
Sem comando, sem povo e sem lei.

14/03/95

TATUAGEM DO TEMPO

*Para Fálvia de Carvalho,
Autora do livro Tatuagem.*

A chuva atomiza o céu,
Que, chumbado,
Despenca, baixo,
Sobre uma terra alagada.

A seca dói tão severa,
Mas tisnou apenas
O pretérito do tempo.

Hoje, o torrencial das nuvens
Encharcou o solo
Anteriormente dilacerado
Por um sol calmo e cruel.

Assim, na vida,
Muitas vezes, a aridez
Cede à força da paixão,
Deixando marcas
Do tempo
Na carne e no coração.

Apenas o homem sábio
Sabe aproveitar
As agruras da estiagem
Ou a força da inundação,
Não se deixando marcar
Pela tatuagem do tempo.

05/02/95

O UNIVERSO

Um soneto desfeito por inteiro,
Na penumbra do tempo sideral,
A transformar o cosmos num vespeiro
De corpos do Universo, cor de sal.

A noite em pontos brancos ganha espaço,
O silêncio expandindo-se na luz,
Que o infinito descobre a cada passo
E o cristão no mistério de uma cruz.

As novas, na explosão, geram o pulso,
Que mede a dimensão do campo astral.
Assim eu resto, pasmo sem impulso,
Medindo pelo bem o fim do mal.

O Universo na origem sem limite
Espanto causa a mim, por mais que o fite.

07/01/95

SEMPRE

Todos os tempos
Todos os ritmos.
Nunca a destempo
Cantos marítimos
Ode da tarde
Salmo da noite
Ventos que ardem
Como um açoite.
Não sei que faço.
Não sei se vale
Cubro um espaço
Descubro o vale.
O rio corta
O morro agreste
A mente entorta
A rota Leste.
É tudo o mesmo
E tudo é nada.
Versejo a esmo
Sem capa-espada

Sou sempre assim,
Pobre e macabro,
Mas do jardim
A porta eu abro.

28/01/95

NEM SEMPRE

Nem sempre o dia que corre,
Corre como desejamos
Como ele nasce, ele morre
Deixando flores sem ramos.

Nem sempre o dia descobre
A verdade procurada,
Mas tem um toque de nobre
Sem futuro e sem mais nada.

Nem sempre a noite me encontra
Após um dia, cansado,
Esguia como uma lontra
Não tendo forma, nem lado.

Nem sempre sou o que quero
Nem por isto desespero.

21/01/94

REFLEXO

"Eu te amarei hoje e sempre"
Escrevi quando menino.
Hoje já velho e cansado
Repito o canto pretérito.
"Eu te amarei hoje e sempre".

O tempo desfaz as forças,
Mas não desfaz o que é forte.
O tempo se torna breve,
Porém o querer eterno
Refaz as forças que restam.

"Eu te amarei hoje e sempre".

Jaguariúna, 14/01/94

NOSSO AMOR

O descompasso fere o pastoreio,
O pastoreio pasce o verso inculto,
O verso inculto gera o teu receio
E o teu receio torna-se meu vulto.

E meu amor explode a cada passo,
A cada passo busco-te, desperta,
Desperta em ti a síndrome do espaço,
Do espaço aberto em tua vida certa.

O tempo cria formas ao relento
E ao relento descubro teu encanto
O teu encanto eu sempre reinvento
E reinvento o timbre de meu canto.

Não há quem, no silêncio, não escute
O nosso amor sem fim, querida Ruth.

29/01/95

À NOITE

Quando te fito pela noite adentro,
Neste sossego que tua alma exalta,
Vejo um passado que não foi cruento
Vejo um porvir no qual amor não falta.

Resta o presente fruto do noturno,
Que salmodia a noite para ti,
Pescando estrelas por um mar soturno,
Cheio de sons que nunca iguais ouvi.

A juventude faz-se mais distante,
Mas tu revelas sempre o mesmo encanto,
Como a balada nobre de um infante,
Descubro-te Senhora de meu canto.

Quando te fito à noite adormecida,
Percebo que tu és a minha vida.

18/09/95

LIVRO VIII
PRETÉRITO IMPERFEITO

1997

A LENDA DO COMEÇO APÓS

— I —

Eu sou aquele que nasceu do sempre,
Correndo terras e rasgando ventres,
Descortinando auroras cor de sangue.
Eu sou aquele que buscou o eterno,
Furtando sonhos e beirando o inferno,
Tombado, pálido e restando exangue.

Meu nome foi coberto de impropérios,
Minh'alma d'illusão fez-se em mistérios
E tudo descobriu de uma só vez.
Cenários se alongaram pela estrada,
Que cobri, arrastando a dura espada,
De têmpera qu'igual ninguém já fez.

Eu sou aquele que enfrentou o mundo,
Que desventrou o abismo mais profundo,
Em silêncio translúcido de espaço.
Eu sou aquele que feriu a lenda,
Olhos cobertos sem nenhuma venda,
Que a vida corrigiu no próprio passo.

Assim eu descobri, todos meus versos,
No cinza das tormentas sempre imersas
Entre a sombra do tempo em vendavais
E nisto se resume a história inteira,
Daquele que seguiu a louca esteira,
Pelos mares dos campos siderais.

09/07/86

— II —

Até que um dia
O começo após
Chegou.
Abstração absoluta,
Sem reino e sem jardim.

Penetrou as sangrias desoladas,
Vestidas no azul
Dos despenhadeiros
E recobriu de sol e de sereno
As soluções marítimas
Do céu,
Nos espaços das naves peregrinas.

O silêncio sepulcrico e sidéreo
Hospedou a essência do Infinito,
Despencado da imensidão do sempre
Para a franquia aberta do Universo.

O Infinito mostrou-se final,
Cristalizado átomo instantâneo,
Para em seguida crescer,
Descomunal,
Abrindo pelo cosmos sem fronteiras
A estrada do começo após.

Santo Ives, 10 de julho de 1986

— III —

O jardim dos impossíveis
Foi descoberto sem véu,
E o cavaleiro por níveis
Cavalgou o seu corcel.

Entrou com asas na espada
E com luars no escudo,
Sonhava ver sua fada
Vestida em puro veludo.

Era um valente menino,
Por seu saber já maduro,
Afastando o desatino,
Como o claro afasta o escuro.

Cavalgava o seu cavalo,
Por alamedas cobertas
E ao vê-lo meu verso calo,
Sendo as areias desertas.

Cavalgava o mundo inteiro,
Menor que a própria ambição
E descobria o roteiro,
Que não procurara em vão.

Cavalgava o cavaleiro,
Tendo a cabeça no espaço,
Peregrino e não romeiro,
Nos caminhos de seu passo.

Cavalgava o etéreo abismo
Por sobre sombras e sonhos,
A mente envolta em lirismo,
O corpo em choques medonhos.

Cavalgava em seu jardim.
Nascido dos impossíveis,
Na busca do próprio fim
Cavaleiro dos desníveis.

E cavalgando a aventura,
Criou o próprio Universo,
Esfacelando a amargura
Na cavalgada do verso.

E fez a lenda do tempo
Por ter caminhado a sós,
Rompendo a linha do vento,
Gerando o começo após.

Santo Ives, 15 de julho de 1986

SONETO DE MEU RETORNO

Depois de tanto tempo desligado
Das torturas silentes de meu verso,
Ao torno volto, o coração disperso,
Rubro, ofegante e semi-encabulado.

As saudades dos tempos de eu-menino
Dilaceram-me o peito já maduro,
Que dantes albergara de inquilino
Meu estro, maltrapilho, rude e puro.

Desconcertado, volto como outrora,
Amando quem amara e a conseqüência,
Na esperança senil de nova aurora,
Apesar do talento ser falência.

O meu verso, porém, corre feliz
No desfeito jardim, que sempre quis.

São Paulo, 2 de março de 1986

1996

Um ano a mais tributa meu cansaço,
Tributo que mais quero que a anistia.
É que conheço um pouco deste espaço
E desconheço aquele d'outra via.

A luta que travei só valeria,
Num panorama posto noutro passo,
Capaz de vislumbrar no fim do dia
Um novo dia, intemporal e escasso.

A certeza, desfeita a dimensão,
Na incerteza de tê-la conquistado,
Faz-me aceitar a estranha imposição

E a esperança de vê-la do meu lado,
Retirando da lide o esforço vão
No cumprimento eterno deste fado.

02/01/96

PONTOS TEMPORAIS

O vespeiro de estrelas descortina
A imensidão do espaço sideral,
Cujo segredo em pontas de platina
Resta silente, frio e natural.

O firmamento busco desde a infância
Imaginando sonhos e quimeras,
Que deixam na memória sem vacância
Pelo tempo que forma todas eras.

O que sou no universo sem limite?
Limitado ao extremo, quedo pasmo.
Não me irrita, mas há quem não se irrita
Perante o negro e celestial marasmo?

Uns pontos temporais na imensidão
É o que os seres humanos sempre são.

26/01/96

CAVALEIRO

Para Ruth

Cavaleiro do tempo desfeito,
Meu cavalo cavalga no espaço,
Tendo a sela distante do peito
E eu a amada levando no braço.

Cavaleiro de um reino sem rei,
Nunca sei o que valho no reino,
Sei apenas que é reino sem lei
Onde a glória se faz no destreino.

Cavaleiro da aurora perdida,
A princesa que eu amo desperta
Muitas vezes seu sonho de vida,
Num reinado de areia deserta.

Cavaleiro da história passada,
Levo a espada no peito cravada.

04/02/96

DOMINGO À NOITE

Para Ruth

Do meu escritório à noite,
Vislumbro
Prédios apenas.
Luzes parcas nas janelas
Não desfazem
A escuridão.

Quantas vezes me pergunto
Qual o drama
Que se esconde
Por trás da noite e do escuro.
Todos sabem
Que ele existe
Mas defini-lo não há de
Quem consiga.
Não consigo.

Olho o negro das janelas,
Uma pintura doente
De Klee desfeito na vida
Pela morte,
Antes da morte.

Muito negror.
Tudo denso.
Meu consolo neste quadro
É que a luz
De meu recanto
Tem o calor que puseste
No teu amor sem descanso.

SP, 11/02/96

MEU LAÇO

Para Ruth

O punhal trespassou o som da morte
E o sangue azul venceu o intemporal,
Não há quem nesta vida a vida corte
Após a solução de um mar sem sal.

Abismei-me na escada sem ter fundo
E a descida infinita criou rios,
Que escorreram do tempo pelo mundo
Desfazendo no espaço seus desvios.

Cavalguei pelos montes da planície
Descortinando sombras no deserto.
Descobri as palavras que não disse
No sidéreo distante de mim perto.

O soneto que faço e que refaço
Não deslaça, nem laça este meu laço.

17/02/96

DOMINGO PELA MANHÃ

O vento acaricia as árvores do jardim,
Neste domingo no campo.
Às vezes sua carícia é mais forte
E faz nascer
A dúvida
Se deseja punir a não resposta
Das árvores plantadas
Harmonicamente,
Na minha casa de campo.

Até mesmo o vento leve
Traz alguma inquietude,
Pois que a paisagem é mais bela
Se, parada no Universo,
Restar sem vento e sem brisa.

Muitas vezes, descortino
Ventanias, ventos, brisas
Em minha alma interdita.
E passam por cima dela

Sem penetrar no segredo
Que a sustenta
Há tanto tempo.

Só Deus conhece a razão,
Só Deus aponta nos céus,
Com seu cortejo de santos
Para apoiar meu desgaste.

Sabe Deus que as ventanias
Eu as possa suportar,
Mas vendo o castelo fraco,
Não me manda temporais.

Jaguariúna, 09/06/96

VERSO

Infecundo sabor da madureza.
São passos retornados no caminho.
A distância desfaz-se sem beleza,
Quando eu a vejo, pálido e sozinho.

A finitude sempre teve início,
Início que não sente o fim de tudo.
O tempo faz, porém, o precipício
Perante o qual não há seguro escudo.

A revolta silente gera o resto.
O passado que foi desaparece
E o futuro não cria um novo gesto
Capaz de germinar florida messe.

O toque decomposto fica imerso
No pobre desconsolo de meu verso.

29/07/96

MEU VERSO

Para Ruth

Meu verso é o pobre sopro derradeiro
Do que resta de minha fantasia.
Foi, no espaço, colheita e foi celeiro
Da verdade que nunca me fugia.

Inspirado na sombra de meu dia,
Tornava-se, na noite, canto inteiro,
Um tempo que parava e não corria,
Astro estancado em sideral vespeiro.

Meu verso, inda, sussurra o som primeiro,
Que mal desvenda a permanente via,
Fazendo-se, na estrada, o caminheiro,

Roto, desfeito, trêmulo e sem guia,
Que procura seu sopro derradeiro
No que resta de minha fantasia.

SP, 06/01/97

SONO

O sono desdobrou-se por inteiro,
O navegante etéreo desvendando
Um caminho composto em travesseiro
Para um futuro aberto e sem comando.

O sonho fez-se mudo, de repente,
E o presente, que é fruto do passado,
Desnudou-se num toque diferente
Sobre o tempo no espaço debruçado.

Argonautas das sombras tinham vida,
Amazonas das cores viam fontes,
Correndo pelas margens da descida,
Na descida que sobe pelos montes.

O sonho nunca dura uma existência,
Por mais que o sono faça resistência.

Jaguariúna, 16 de janeiro de 1997

RETORNO

Retorno ao verso,
Há muito que não versejo.
Cansado, sem vigor,
Meu estro naufraga
No absolutismo do nada.

As pontes despencaram na amplidão.
Solitárias.
Nada fiz para ampará-las.
O caminho viu-se curto
Sem horizontes d'outro lado.

Quanta paisagem busquei sem ter sossego
Quanta? Não sei.
O cenário desfaz-se por inteiro.
No noturno do tempo.

O noturno conhece a paisagem?
Quem sabe?
Se conhece, seu destino é encobri-la

Aos olhos do poeta,
Que imagina a sua paisagem
Diversa, bem diversa
Daquela que nasceu para ficar.

As naves pelo espaço mal desvendam
O inóspito.
A rudeza dos minérios valem gritos
Dos que descobrem
Que o Universo é frio e oco.

Nem mesmo a poesia
Pode aquecê-lo
Até porque
Nasceu antes que os poetas
E continuará depois da poesia.

O retorno ao verso é complicado,
Mas retorno
Esquálido e teimoso,
O futuro passando a ser passado.

Jaguariúna, 06/07/1997

PRESENTE

QUASE

PRETÉRITO

NAVEGANTES DO ESPAÇO

Para Ruth

Navegantes do espaço cruzam mares,
Marinheiros do tempo sonham luas,
Saltimbancos das vidas estelares
Descortinam sidéreas sombras nuas.
Cavaleiro e cavalo em descompasso
Formatam nuvens pálidas no azul,
Cavalgando sem nunca deixar traço,
Como os corcéis alados d'Istambul.
Bandeirantes de estepes infinitas,
Cossacos galopando pelos astros,
Cabelos de asteróides e sem fitas
Na imensidão galáctica dos rastros.
Meu universo heróico é sempre assim,
Cabendo por inteiro em meu jardim.

Agosto de 1998

RETRATO FALADO

(poema para ilustração de Valdir de Oliveira Rocha)

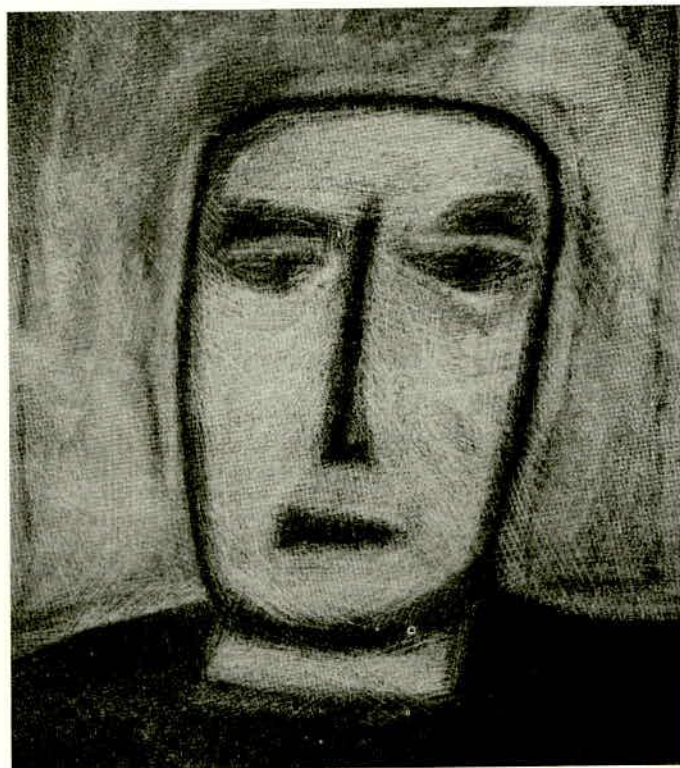
Nunca fiz um retrato falado.
Nem falar, pois falar eu não sei.
Já pintei um retrato, calado,
Quando eu era do tempo seu rei.

O castelo que eu tinha em pequeno
Era azul como o azul do retrato.
O retrato, porém, mais sereno
No reinado reinava de fato.

O retrato que eu vejo, entretanto,
Tem a dor que no reino nasceu
Quando o som desventrou o meu canto
E o meu canto no espaço morreu.

Nunca fiz um retrato falado,
Mas cantei um retrato, calado.

1998



MEMÓRIA ATADA

(poema para ilustração de Valdir de Oliveira Rocha)

O tempo gera o espaço da memória,
Atando-se ao concerto sideral.
Os corpos celestiais tornam-se escória
Despedaçada e transformada em sal.

O imaginário rompe a sonolência
Dos astros que se perdem na distância,
Acobertando sombras sem essência,
Essência que remonta à prima infância.

O sol iluminando o rosto triste
Relembra o imperador Aquenaton
Que o conformara em Deus e a seu antiste,
No silêncio do som que não tem som.

Memória atada. Assim descubro o espaço,
Que descortina o rumo de meu passo.

1998



POEMA SEM HORIZONTE

Não sei porque meu descanso
Não vem como gostaria,
Mas sei que sempre eu avanço,
Seja de noite ou de dia.

Os anos passaram logo
Os que sobram sendo poucos,
Meus devaneios afogo
No borbulhar de sons roucos.

O passado não importa,
O futuro não existe,
O presente é aquela ponte
Que atravesso, mesmo triste.

Pensei já ter sido rei
Mas não sei o que serei.

01/05/1999

ETERNAMENTE RUTH

Há muito tempo que não resto assim,
Perto de tudo e longe de mim mesmo,
Caminho meu caminho sem ter fim,
E eu ando certo de que eu ando a esmo.

As sombras da paixão são sempre iguais,
O amor que eu te devoto sempre infindo.
Sinto em minha alma ardor de samurais,
Quando contemplo o teu sorriso lindo.

Descubro, no horizonte, meu deserto,
Desvendo, no cenário, teu encanto.
Revejo em minha estrada o tom desperto,
Que cobre meu destino com seu manto.

Há muito tempo que te quero e cismo,
Quando passeio no meu próprio abismo.

12/12/99

ANO 2000

Qual a diferença entre ontem e hoje?

Ontem,

Mil novecentos e noventa e nove.

Hoje,

Dois mil.

As ruas mais sujas do que nunca

Pelas festas da passagem.

O silêncio seguiu ao meu ruído

Dos que gritaram e

Cantaram, noite a dentro,

Para esquecer problemas,

Em divertimentos insensatos.

A falta de barulho

Deslumbrou-me.

Nem mesmo

Nas manhãs de domingo,

Ao ir à missa cedo,
Ouvi tanto o silêncio,
Como hoje.

A humanidade em ressaca
Olvidou-se de que
Continua sem saber
Porque existe, de onde veio,
Para onde irá.

A não ser aqueles que
Acreditam em Deus e
Sabem
Que a vida é passageira,
Mas com significação,
Se dedicada ao Criador,
Apesar das
Insuficiências
E fracassos.

Ontem, como hoje,
A vida é igual e logo
O burburinho da agitação humana
Voltará.

Apenas hoje, o ano é
Dois mil e não mais
Mil novecentos e noventa e nove.

São Paulo, 01/01/2000

TEMPO ESCASSO

Quebrei do tempo o ritmo insensato,
O "t" mudo valendo um "t" completo.
Pintei de novo o pobre auto-retrato,
Afastando do espelho o forte veto.

O som da noite fez-se mais intenso
O passado desfez-se no que fiz
Socorro no que faço, no que penso,
Em busca do caminho mais feliz.

A verdade do eterno é sempre estrada
De todos que procuram ver estrelas,
Enquanto a lua sente-se embarcada
Em sonhos incapazes de retê-las.

Eu bem sei quanto o tempo faz-se escasso,
O tempo que formata meu espaço.

São Paulo, 2 de janeiro de 2000

FÉRIAS

Tarde de férias.

Jaguariúna.

Piscina pela frente e brinquedos dos netos espalhados
Pelo jardim e também pela varanda.

A chuva temperou a quente tarde
E as nuvens
Sinalizam
Que pode retornar.

O silêncio tranqüiliza
E conforta
Meu descanso.

Jaguariúna, 12/01/2000

RUTH

Se teu amor não existisse,
A vida pouco valeria.
Como seria a noite e o dia,
Se teu amor não existisse?

Se teu amor não existisse,
Meu coração não viveria,
Indiferente quedaria,
Se teu amor não existisse.

Se teu amor não existisse,
Eu também não existiria,
Nada na vida restaria,
Se teu amor não existisse.

Eu morreria, como disse,
Se teu amor não existisse.

30/04/2000

EM NATAL

Para Ruth

A timidez do sol, na tarde escura,
Com prenúncios da chuva mais adiante,
Desvenda pelo mar a compostura
De quem navega sonhos de um infante.

O verde é colorido em forma estranha,
Ora triste, ora alegre, ora sem vida.
Marulha no momento em que a façanha
É recobrir a areia dividida.

O canto é aquele som próprio do mar,
Monótono e de pouca encenação,
Como os versos que escrevo a teu olhar,
Nada obstante pleno o coração.

Natal, por onde corre o Potengi,
Como, no peito, corre o amor por ti.

Natal(RN), 11/01/2001

MINI-CURRÍCULO

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

- 1) Prêmio ESSO DO IV Centenário de São Paulo, monografia "A História de São Paulo até 1930" (1954);
- 2) Bacharel em Direito pela USP (1958);
- 3) Presidente do Partido Libertador em São Paulo (1962/1964);
- 4) Especialista em Direito Tributário pela Faculdade de Direito da USP (1970) dissertação: "A apropriação indébita no Direito Tributário";
- 5) Especialista em Ciência das finanças pela Faculdade de Direito da USP (1971) dissertação: "As despesas militares nas Finanças Públicas — Teoria do Limite Crítico";
- 6) Tributarista de 1977, Homem de Visão 1987, Destaque Jurídico Ateneu Rotário 1989, Professor do Ano do Instituto Mackenzie 1990, Cidadão Consciência 1993, 1º Prêmio Nacional de Seguridade Social do Instituto Nacional de Seguridade Social — Direito, 1995, Prêmio Rubens Gomes de Sousa da Academia Brasileira de Direito Tributário 1998, Homenagem do Centro Interamericano de Administrações Tributárias — CIAT — 1998;
- 7) Conselheiro da OAB/SP (1979/1984 e 1987/1988);
- 8) Doutor em Direito pela Universidade Mackenzie (1982) com a Tese: "Teoria da Imposição Tributária";
- 9) Professor Titular de Direito Econômico e Direito Constitucional na Universidade Mackenzie (1980/1992);
- 10) Professor Emérito da Universidade Mackenzie (1990);
- 11) Professor Emérito da Universidade Paulista (1993);
- 12) Professor Emérito da ECEME — Escola de Comando do Estado Maior do Exército (1994);
- 13) Sócio Benemérito, Conselheiro Nato e Presidente do Instituto dos Advogados de São Paulo (1985/1986); Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros (1979); sócio-correspondente do Instituto dos Advogados do Distrito Federal;

- 14) Presidente do Conselho de Estados Jurídicos da FCESP (1989/2001) e Membro do Conselho de Sociologia, Economia e Política da FCESP (1987/2001);
- 15) Membro do Tribunal Arbitral do Comércio (2000);
- 16) Presidente do Clube de Poesia (1994/95);
- 17) Conselheiro Consultivo e Membro do Conselho Superior da Associação Comercial de São Paulo;
- 18) Conselheiro Honorário da Federação de Comércio do Rio Grande do Sul;
- 19) Sócio Honorário da FEDERASUL — Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul;
- 20) Membro do Conselho de Administração do Grupo Brasilit;
- 21) Membro do Conselho Consultivo da Embratel;
- 22) Membro do Conselho Superior do Prêmio Bem-eficiente da Kanitz & Associados;
- 23) Membro do Conselho Curador da fundação Dorina Nowill para cegos;
- 24) Membro do Conselho Consultivo do Sindi-Clube;
- 25) Presidente do Centro de Extensão Universitária;
- 26) Presidente da Assembléia Geral da Casa de Portugal de São Paulo (1970/1980);
- 27) Presidente do ELOS Clube de São Paulo (1965/1966);
- 28) Membro do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio;
- 29) Presidente do Conselho Consultivo da ABRACEX — Associação Brasileira de Comércio Exterior;
- 30) Presidente de honra dos Concursos anuais da CEFIR — Centro de Estudos da Fiscalização do Imposto s/ a renda;
- 31) Professor "Honoris Causa" da Faculdade de Direito de São João da Boa Vista/SP;
- 32) Fundador Emérito do Sindicato Nacional de Forjaria;
- 33) Presidente do Conselho de Ética da Associação Nacional de Factoring (1992/1997);
- 34) Membro-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal;
- 35) Membro do PEN Clube do Brasil;
- 36) Conselheiro da Fundação Konrad Adenauer no Brasil;
- 37) Professor Estrangeiro da Universidade Austral — Buenos Aires;
- 38) Conselheiro da Associação das Nações Unidas-Brasil;
- 39) Conselheiro do Fórum São Paulo Século XXI da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo;
- 40) Presidente do Conselho Consultivo do São Paulo Futebol Clube-Conselheiro Vitalício;
- 41) Membro do Conselho Deliberativo do MAM — Museu de Arte Moderna;
- 42) Membro do Conselho Superior do Instituto Ibero Americano de Direito Público — Capítulo Brasileiro;
- 43) Membro de Ordem Nacional dos Escritores, da União Brasileira de Escritores, da Associação Nacional dos Escritores;

44) Membro do Conselho da Câmara de Comércio Argentino-Brasileiro de SP;

45) Acadêmico da:

1 — Academia Paulista de Letras;

2 — Academia Paulista de Letras Jurídicas;

3 — Academia Paulista de Direito;

4 — Academia Paulista de Educação;

5 — Academia Brasileira de Letras Jurídicas;

6 — Academia Brasileira de Direito Tributário;

7 — Academia Lusíada Ciências, Letras e Artes (Pres. 1982/83);

8 — Academia Internacional de Direito e Economia (Pres. 1986/88 — 1997/99);

9 — Academia Internacional de Cultura Portuguesa (Lisboa) (Correspondente);

10 — Academia Mato-grossense de Letras (Correspondente);

11 — Academia de Letras da Faculdade de Direito da USP (Honorário);

12 — Academia Brasileira de Ciências Políticas e Sociais;

13 — Academia Luso-Hispano-Brasileira de Direito;

14 — Academia Cristã de Letras;

15 — Academia Jundiaense de Letras (patrono);

46) Colar do Mérito Judiciário dos Tribunais de Justiça de São Paulo e Rio de Janeiro, Medalha de Mérito Judiciário Grau Ouro do Tribunal de Pernambuco, Medalha de Mérito Cultural Judiciário do Instituto Nacional da Magistratura, Ordem do Mérito Legislativo das Assembléias Legislativas de Minas Gerais e do Pará (Cabanagem), Medalha Anchieta da Câmara Municipal de SP, Cidadão Araraquarense, Sãomanuelense e Pratiano, "Chevalier Commandeur" e "Gran Cruz do Mérito" da Ordo Militaris et Hospitalaris Sancti Lazari Hierosolymitani — fundada em 1097; Medalha do Pacificador do Ministério do Exército, 25/08/95; Ordem do Mérito Militar-Grau oficial 2000 do Ministério do Exército, Medalha João Ribeiro da Academia Brasileira de Letras;

47) Publicou mais de 40 livros individualmente, 150 em co-autoria e 800 estudos sobre direito, economia, filosofia, política, história, literatura, sociologia, música, nos seguintes países: Alemanha, Angola, Argentina, Bahamas, Bélgica, Brasil, Bulgária, Cabo verde, Canadá, Espanha, Holanda, Inglaterra, Portugal, Romênia, Rússia, Taiwan e USA. Entre os livros estão: "Desenvolvimento Econômico e Segurança Nacional — Teoria do limite crítico", "Apropriação Indébita no Direito Tributário", "O Estado de Direito e o Direito do Estado", "Da Sanção Tributária", "Teoria da Imposição Tributária", "Roteiro para uma Constituição", "O Poder", "A nova classe ociosa", "Sistema Tributário na Constituição de 1988", "Uma Visão do Mundo Contemporâneo", "A Era das Contradições" a coletânea "A Constituição Apli-

cada", 12 volumes, "O Livro de Ruth" — assim como os "Comentários à Constituição do Brasil", 15 volumes, com Celso Ribeiro Bastos —, os "Comentários ao Código Tributário Nacional, 2 volumes e "Comentários à lei das Sociedades por Ações", coordenando equipe de comercialistas com Geraldo de Camargo Vidigal e o Curso de Direito Tributário (Ed. Saraiva) coordenando equipe de 36 professores;

- 48) Participou de inúmeras bancas examinadoras em diversas universidades do país (USP, UNESP, PUC-SP, FGV, Mackenzie, Universidades Federais, etc.) para Professor Titular, Doutor e Mestre, assim como em várias bancas de concurso para juiz federal, estadual, procurador municipal, juízes administrativos etc.;
- 49) Participou e coordenou mais de 500 Congressos e Simpósios, nacionais e internacionais sobre Direito, Economia e Política.
- 50) Doutor "Honoris Causa" da Universidade de Cracóvia na Romênia 2001.

COMPOSTO E IMPRESSO, NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
IMAGO EDITORA
RUA SANTOS RODRIGUES, 201-A
RIO DE JANEIRO — RJ

Acima dos temporais, Ives aciona os mecanismos da máquina do tempo, monótonos, silentes; e, como um pastor de espaços, neles situa Deus, Ruth, seus pais, seus filhos — os entes e as crenças amados”.

Geraldo Vidigal

“Ives descansa da labuta do direito e da economia (no mais amplo) poesiando. E faz bem, não só a ele, à Ruth, obviamente... e a nós, que colhemos o resultado da obra. Que o lemos, cá e lá, nas ciências e nas artes, sobre todas as grandes coisas, com a admiração de quem faz, sabe fazer, e nos permite apreciar e valorar o fruto de sua inspiração, na fluência do verso, que encarna a beleza do Amor: *'l'Amor che move il sole e l'altre stelle'*”.

Oscar Corrêa

“Ives Gandra Martins não é apenas o jurista de renome nacional. Mas é o homem da palavra, cuja pátria subjaz no coração do homem. E a palavra toma cor, sonho, amor fiel, as feições do tempo e o velho recurso da esperança neste seu admirável 'Intemporal Espaço'. Pois de amor e esperança essa poesia se alimenta.

Um livro de poemas tem muito dos livros de imagens da infância. Como se fora 'um desenho animado' (Cassiano Ricardo). E Ives — o poeta — transporta no verso a carga fluente da metáfora, com preciosos achados:

'Por teus olhos, cor de musgos(...)
Onde adormecidas bóiam
As ferrugens dos portões'.

Ou vejam os leitores como as imagens se entrelaçam e completam, em nodosa maranha:

'O velho mais não sabe o que apascenta.
Nem nuvens, nem cordeiros, cada passo
É como um nó que grita e que arrebenta
Um outro nó que faço e que desfaço'.

Ou, então, verifiquem o alucinado e inventivo ritmo de versos, como estes:

'Por mais veloz que seja, é sempre lasso
O movimento etéreo deste mito
Expande-se no cosmos, sem inchaço,
O limite do tempo não descrito'”.

Carlos Nejar

NAVEGANTES DO ESPAÇO

Para Ruth

Navegantes do espaço cruzam mares,
Marinheiros do tempo sonham luas,
Saltimbancos das vidas estelares
Descortinam sidéreas sombras nuas.
Cavaleiro e cavalo em descompasso
Formatam nuvens pálidas no azul,
Cavalgando sem nunca deixar traço,
Como os corcéis alados d'Istambul.
Bandeirantes de estepes infinitas,
Cossacos galopando pelos astros,
Cabelos de asteróides e sem fitas
Na imensidão galática dos rastros.
Meu universo heróico é sempre assim,
Cabendo por inteiro em meu jardim.

Agosto de 1998

ISBN 85-312-0757-6



Coletaço

